

Áureo dos Santos

MAÇONARIDADE II

nas trilhas da reflexão rumo ao autoaperfeiçoamento




PANDION
editora



MAÇONARIDADE II

nas trilhas da reflexão rumo ao autoaperfeiçoamento

Áureo dos Santos



Copyright © 2023, Áureo dos Santos

Ilustração da capa: Thiago Silva Rodrigues

O conteúdo deste livro é de responsabilidade do autor.

S237m Santos, Áureo dos

Maçonaridade II [recurso eletrônico] : nas trilhas da reflexão rumo ao autoaperfeiçoamento / Áureo dos Santos. – 1. ed. – Florianópolis: Pandion, 2023. 134 p.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <http://editorapandion.com>

Inclui referências

ISBN: 978-65-978-65-87586-26-7 (e-book)

1. Maçonaria. 2. Reflexão. 3. Competências essenciais. 4. Cognição.
5. Maçons – Atitudes. 6. Empreendedorismo. 7. Autoaperfeiçoamento.
I. Título.

CDU: 366.1

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

ISBN: 978-65-978-65-87586-26-7 (e-book)

1ª edição pela Editora Pandion

Aureo dos Santos

Trajetória maçônica

- Mestre Maçom
- Obreiro da Augusta e Respeitável Loja Simbólica (ARLS)
Alferes Tiradentes nº 20 – Grande Loja de Santa Catarina –
Rito Escocês Antigo e Aceito (GLSC-REAA)
- Grau 22

Trajetória profana

- Professor, educador, consultor e mentor
- Pós-doutor em ciências da saúde
- Doutor em engenharia de produção e sistemas
- Mestre em administração pública
- Especialista em saúde pública
- Servidor público aposentado da Secretaria de Estado da
Saúde de Santa Catarina
- Voluntário do Centro
de Apoio ao Paciente
com Câncer, do
Núcleo Espírita
Nosso Lar
(CAPC/NENL)



Sumário

7 *Prefácio*

TRILHA 1 13 *Nas trilhas da maçonaridade*

TRILHA 2 15 *Competência cognitiva*

TRILHA 3 18 *Competência tecnológica*

TRILHA 4 21 *Competência comportamental*

TRILHA 5 31 *Tudo há de passar*

TRILHA 6 35 *Distanciamento social e a fonte da infinita abundância*

TRILHA 7 40 *Liberdade de escolha à luz da moral maçônica*

TRILHA 8 46 *Sou maçom com “deficiência espiritual”*

TRILHA 9 51

*Por que somos sujeitos de
palavra e de silêncio?*

TRILHA 10 56

*Das raízes aos galhos, dos
galhos às raízes*

TRILHA 11 62

Metal e Amizade

TRILHA 12 66

*Roda de prosa entre
ferramentas e jóias maçônicas*

TRILHA 13 73

Imortalidade do espírito

TRILHA 14 77

*De que serviria a maçonaria,
de que serviria ser maçom?*

TRILHA 15 84

A metáfora do templo

TRILHA 16 91

*Produzir justiça e equidade
sucede ser justo e equânime*

TRILHA 17 94

*Direito de se reunir, falar e
saber*

TRILHA 18 100

*Maçonaria, uma usina nuclear
de virtudes*

TRILHA 19 104

Maçom: pontífice do dia a dia

TRILHA 20 111

*Razão e competências
empreendedoras para a liberdade
de ensino e de pensamento*

TRILHA 21 121

*Interesse individual acima do
interesse coletivo. Assim o
meu autoaperfeiçoamento não
avança! Como avançar então?*

TRILHA 22 128

Simetrias e sinapses

131

Referências



Prefácio

“*Maçonaridade II*” é o título que Áureo dos Santos deu a esta obra, sua segunda incursão na área de literatura maçônica. Inspirado pela aceitação positiva de seu primeiro trabalho, o autor aprofunda e amplia aqui seu particular conceito, maçonaridade, cunhado de modo a expressar a vivência e o fazer maçônicos no mundo dos fatos. Seu subtítulo nos informa de seus objetivos: *nas trilhas da reflexão rumo ao autoaperfeiçoamento*. De modo particular, pessoal, como costumam ser seus escritos, Áureo divide o conteúdo de seu livro não em capítulos, mas em trilhas pelas quais pretende conduzir o leitor, partindo da sua concepção/vivência pessoal aos valores de aplicação universal do acervo dos ensinamentos maçônicos. Vinte e duas são as trilhas exploradas, nas quais o leitor acompanhará o autor no desenvolvimento de suas concepções a respeito da complexa interface da manifestação dos preceitos maçônicos dentro do turbilhão de fatos e emoções do cotidiano.

Como bem explica o autor, não obstante o valor seminal da compreensão necessária do arcabouço simbólico conceitual maçônico, “*toda e qualquer atitude,*

no exato momento da sua tomada, é ato da consciência, e não do pensamento". É a consciência que materializa, traduz em atos, as concepções que, de outra forma, permaneceriam no mundo etéreo dos conceitos e das intenções. Trata-se da compreensão, infelizmente não alcançada por todos, de que os conceitos maçônicos em si, mantidos apenas no âmbito restrito das Iniciações, das Instruções e da Liturgia, perdem completamente seu *ethos*, seu objetivo, sua razão de ser. As dimensões simbólicas do templo maçônico bem expressam esta ideia: o "templo de trabalho" do maçom vai do Norte ao Sul, do Oriente ao Ocidente, isto é, abrange o mundo onde vivemos.

Sua abordagem da "competência cognitiva" na segunda trilha exemplifica com perfeição o núcleo de sua concepção: compreender para agir. Não se trata do mero e douto exercício psicocultural da elaboração e da interação de diferentes conceitos, mas sim da busca pela maneira mais eficaz de traduzi-los em uma vivência coerente. Nas palavras do autor: "*A competência cognitiva se refere a entender ideias, conceitos e teorias para melhor aplicá-los*".

Transferindo para o fazer maçônico o ideal da "Qualidade Total", Áureo propõe a possibilidade de executar cada ação em seu nível mais elevado de

qualidade desde o primeiro momento. Certamente, para que isso seja possível, supõem-se maçons plenamente integrados aos ideais de sua instituição, com a assimilação correta de que cada maçom não está isolado, mas compõe um todo maçônico, de que as “mãos” da maçonaria são as mãos dos maçons, única maneira de manifestar os ideais maçônicos no mundo palpável. Em tempos recentes, têm surgido autores, profetas de um apocalipse maçônico, sugerindo o fim da maçonaria em algumas décadas. Escritores e palestrantes têm levantado questões a respeito dos possíveis rumos da maçonaria no novo século e milênio. Muitas dessas considerações olham a maçonaria de fora, como espectadores assistindo ao desenrolar dos eventos no palco. A posição necessária é exatamente a oposta, de atores, não de espectadores, pois a maçonaria irá aonde nós, maçons, a levamos com nossas ações ou omissões. Essa é a perspectiva transmitida pela competente análise do ser e do fazer maçônicos contida nas trilhas de reflexões aqui propostas. Ressaltam-se a necessidade e a disposição de mudar o comportamento, pois é um fato conhecido a impossibilidade de obter novos resultados insistindo em velhas práticas cujos resultados anteriores não foram satisfatórios.

O autor entende corretamente que o trabalho maçônico por excelência é aquele emblematizado no *“desbaste da Pedra Bruta”*. O antigo maçom, o construtor medieval, tomava a pedra bruta, como vinha das pedreiras, trabalhava nela, desbastava, polia, dando-lhe a forma adequada para construir catedrais, abadias, castelos e monumentos. O novo maçom, surgido entre meados do século XVII e início do XVIII, entendeu ser ele mesmo a pedra, a princípio bruta, que precisava ser adequadamente desbastada, polida, para poder participar positivamente da construção do edifício social humano. Daí o emblema-mor do necessário aperfeiçoamento pessoal pregado pela maçonaria: ser um homem empenhado em trabalhar uma pedra com Maço e Cinzel. As 22 trilhas nos levam a percorrer diferentes trajetos nos distintos aspectos desse aprimoramento pessoal. O ideal maçônico trabalha do singular para o plural, pois o homem que se aperfeiçoa comporta-se necessariamente de modo ético, induzindo alterações por sua vivência em seu meio social.

O autor discorre com leve clareza sobre temas atuais, como a recente reclusão provocada pela pandemia e suas consequências. Descobriu ele o valor do silêncio, da introspecção que oportuniza a compreensão adequada de si mesmo, entendendo o caminho

semelhante trilhado por outros. Desse conhecimento nasce a possibilidade de exercer o poder da escolha consciente, da liberdade de pensar e agir. No dizer do autor: *“quanto maior for o controle sobre os recursos que influenciam as possibilidades de escolha, mais próximos da luz estaremos”*.

Outra trilha aborda a ideia real da deficiência do maçom. Ser maçom é, em si, uma admissão de imperfeição, pois o maçom almeja a perfeição, e só se busca o que não se tem. Só o maçom ideal manifesta continuamente o comportamento superior, irrepreensível, perfeito. Cada um de nós, maçom real, está a diferentes distâncias desse ideal, dependendo de quanto, e de com que grau de sucesso, tem se dedicado à tarefa árdua de vencer as paixões e subjugar a vontade, eliminar vícios e aprimorar virtudes, de modo a poder tornar-se amanhã melhor do que foi ontem. Com sua criatividade, o autor nos leva a assistir a uma significativa “roda de prosa” entre os instrumentos maçônicos comuns, mas que nos trazem profundos ensinamentos.

“Somos maçons, somos raízes, somos troncos, somos galhos, somos frutos, somos maçonaria para fazer diferente e a diferença sempre, deixando nossa marca.”

Essa é a chamada à consciência e à responsabilidade pessoal presente em todas as trilhas de reflexão que

Áureo nos leva a percorrer na leitura deste livro, que deve ser não apenas lido, mas usado como fonte de meditação. Ele tampouco se deixa levar por modismos e reconhece o valor da razão: *“toda e qualquer verdade, antes de ser adotada, disseminada e praticada, precisa ser legitimada em primeiro lugar pela razão, e não pela emoção”*. Pois a emoção é circunstancial, passageira. *“A razão, ao contrário dos instintos, necessita ser educada, conformada, polida, legitimada e exercitada”*.

Que todos possam recolher os frutos das árvores plantadas ao longo dessas 22 trilhas de sabedoria e que não deixem de encontrar os tesouros que nelas foram distribuídos.

Eleutério Nicolau da Conceição
Professor aposentado da UFSC
Mestre instalado da ARLS Alferes Tiradentes, n. 20



TRILHA 1

Nas trilhas da maçonaridade

Maçonaridade significa a qualidade de ser maçom e fazer maçonaria, simples ou complexo assim. Nessa terminologia, criada por este autor, o sufixo “dade” significa a “qualidade de”. Portanto, a questão que norteará este livro na sua plenitude é: o que poderia compor essa teia complexa denominada “maçonaridade”, a ponto de conferirmos qualidade ao autoaperfeiçoamento para sermos maçons e fazermos a maçonaria, que precisa ser colaborativamente construída?

Creio que parte das respostas a essa pergunta possa estar nas trilhas reflexivas adotadas neste livro. Nesse caminhar, eu vos convido a realizar cada uma delas comigo, para que possamos colaborativamente qualificar a nossa essência maçônica, de maneira que o nosso “eu maçom” e o nosso “eu maçonaria” possam encontrar simetria e sinapses investidas de coerência e convergência com o nosso propósito maior, que é o de tornar feliz a humanidade.

Cada trilha explorada, a partir das reflexões construídas, pode transformar ou até mesmo mudar os

nossos pensamentos e as nossas atitudes, que a todo momento emanam como a materialização da nossa consciência.

Lembrando que os nossos pensamentos possuem vínculos com o passado ou com o futuro. Os atos deliberados no “aqui e agora” são fruto da nossa consciência, muito provavelmente influenciados por pensamentos retrospectivos ou prospectivos, mas toda e qualquer atitude, no exato momento da sua tomada, é ato da consciência, e não do pensamento.

Esse é o pacto de imersão e de reflexão que proponho em cada uma e no conjunto das trilhas realizadas por cada um de nós, leitores, sob a égide da liberdade de ver, pensar, refletir e agir. Afinal, somos livres e, queira o Grande Arquiteto do Universo, de bons hábitos e bons costumes.

Nesse compasso, faz-se necessário o entendimento de que cada trilha reflexiva seja realizada invocando as nossas competências cognitiva, tecnológica e comportamental, atributos que qualificam o saber para conhecer, entender e compreender; a habilidade para saber fazer bem-feito desde a primeira vez; e a sabedoria para saber ser, viver e conviver. Vamos trilhar?

TRILHA 2

Competência cognitiva

Foram muitas as vezes em que ouvi a seguinte afirmação: conte até dez antes de tomar qualquer decisão precipitada. Essa é uma estratégia simples, porém muito eficaz. É por meio dela que lapido a minha competência cognitiva, por exemplo. Essa contagem permite organizar a minha cognição e chegar à conclusão de que preciso me apropriar de mais dados, ou informações, ou conhecimentos, ou saberes, para que eu possa fazer uso da sabedoria e tomar a melhor decisão. Qualquer decisão precipitada pode nos custar muito caro e gerar consequências com as quais muitas vezes não gostaríamos de conviver.

A melhor maneira de conferir robustez à minha competência cognitiva é acessar, processar, adquirir e acumular conhecimento. Esse acúmulo, quando feito de forma hierárquica, consiste em buscar dados para minerá-los e transformar em informações; minerar as informações para transformar em conhecimentos; aplicar os conhecimentos para que sejam legitimados socialmente e transformados em saber; e fazer uso hábil desse saber para podermos transitar com sabedoria.

A competência cognitiva se refere a entender ideias, conceitos e teorias para melhor aplicá-los. Envolve tanto o aspecto físico como o mental, exige habilidades motoras e o exercício permanente da percepção. Nessa direção, exige inspiração e transpiração para o seu desenvolvimento. Por exemplo, ler, estudar, pensar, raciocinar, aprender, apreender, lembrar e prestar atenção são requisitos da competência cognitiva.

O desenvolvimento da competência cognitiva requer o aprimoramento de habilidades tais como atenção, foco, concentração, criatividade, memória, compreensão, linguagem, emoção e planejamento. O conjunto dessas habilidades será o suporte para a construção de uma competência cognitiva de longo alcance e alto impacto.

Vejamos, o maior instrumento de poder do ser humano é o conhecimento. Antes da tecnologia e do aporte financeiro, o conhecimento se apresenta como o carro-chefe para o alcance de cada degrau a ser conquistado na vida pessoal, profissional, social, maçônica e espiritual. Isto é, quanto maior o meu conhecimento acumulado, mais qualificada estará a minha competência cognitiva; portanto, maior poder persuasivo e de argumentação eu poderei possuir.

Nesse compasso, mergulhar no contexto da coisa

e da causa maçônica, transpirando e se inspirando no âmbito do nosso principal trabalho, que é estudar em prol do autoaperfeiçoamento, para ser e tornar feliz, significa desenvolver, antes de qualquer outro atributo, a nossa competência cognitiva. Será ela o grande alicerce para que sejamos exímios demolidores de muros e nós e construtores de pontes e laços.

A partir dessa competência cognitiva bem estruturada, maior facilidade para fazer uso da minha competência tecnológica eu terei.

TRILHA 3

Competência tecnológica

Quis o Grande Arquiteto do Universo que tudo feito na vida fosse bem-feito desde a primeira vez. Eis a essência da competência tecnológica, isto é, o fazer bem-feito desde a primeira vez empregando os processos, os métodos, as técnicas, os instrumentos, os equipamentos e as ferramentas que nos são colocados à disposição. Esse é um desafio gigantesco, mas quando suportado por uma competência cognitiva densa é capaz de gerar resultados muito mais animadores.

Vou tentar exemplificar. Uma das essências filosóficas da Qualidade Total, técnica de administração multidisciplinar, interprofissional e colaborativa que surgiu no Japão por volta da década de 1960, tendo como grande precursor o americano William Edwards Deming – e que engloba um conjunto de programas, ferramentas e métodos aplicados no controle do processo de produção de organizações –, é que todos os envolvidos e comprometidos com os processos de trabalho deveriam “sentir orgulho pelo trabalho bem-feito”.¹

Uma das ferramentas da Qualidade Total, por exemplo, que poderia ser utilizada como estratégia

para qualificar cada vez mais o fazer bem-feito na maçonaria, é o Ciclo PDCA, uma sigla em inglês que significa: P (*plan* – planejar), D (*do* – fazer, executar), C (*check* – verificar) e A (*action* – agir corretivamente).

Para ilustrar, a Figura 1 traz a ferramenta Ciclo PDCA aplicada quando da realização do Planejamento Estratégico da Augusta e Respeitável Loja Simbólica (ARLS) Alferes Tiradentes nº 20, no ano de 2012.

A sua dinâmica cíclica, em sentido horário, inicia-se com a etapa P (planejamento). Para explorar o alcance desejado, definimos objetivos, metas e métodos, ou seja, respectivamente: aonde queremos chegar?; o quanto queremos alcançar?; e como vamos alcançar?

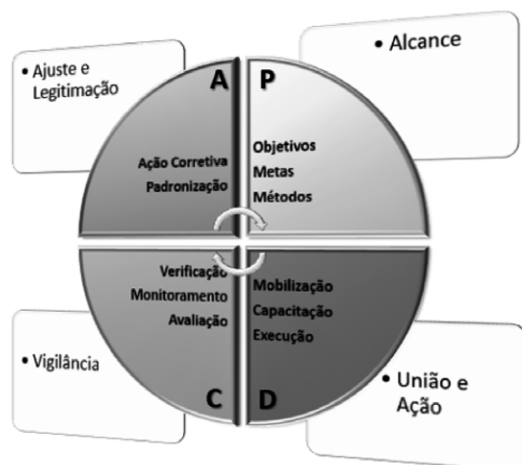
Em continuidade, partimos para a etapa D (execução). Com o propósito da união dos envolvidos e comprometidos com a ação, exploramos a mobilização de vontades política, técnica, de gestão, financeira, humana e logística; a capacitação dos envolvidos e comprometidos; e a execução propriamente dita para o alcance dos objetivos e das metas, em razão dos métodos aplicados.

Em seguida, partimos para a etapa C (verificação). Nela, verificamos, monitoramos e avaliamos se o que foi executado na etapa D está em consonância com o que foi planejado na etapa P.

Ato contínuo, em razão de qualquer viés que possa ter surgido na etapa de verificação, agimos corre-

tivamente retomando o ciclo, ou, caso não houvesse vieses, gaps, gargalos ou lacunas, padronizamos o realizado em todas as suas etapas.

Figura 1 – Ciclo PDCA aplicado no Planejamento Estratégico da ARLS Alferes Tiradentes nº 20.



Fonte: SANTOS (2014).

Essa é uma ferramenta simples e poderosa para qualificar de forma continuada o fazer bem-feito desde a primeira vez.

Agora, quando a competência cognitiva e a competência tecnológica recebem o apoio da competência comportamental, aí sim temos uma tríade com alto poder para transformar e mudar o que temos para o que queremos, inclusive e principalmente no contexto da nossa Ordem.

TRILHA 4

Competência comportamental

Sempre que eu desejo fazer diferente e a diferença na vida pessoal, familiar, profissional, social, maçônica e espiritual, posso invocar a competência comportamental. Os seus atributos têm poderes inimagináveis para qualificar o meu comportamento diante de quaisquer situações, sejam elas conflituosas ou não.

Fazer uso dos atributos da competência comportamental significa estar aberto para transformar e mudar. Eu transformo quando eu lapido e ajeito. Por outro lado, eu mudo quando substituo velhas ideias por novas ideias, velhos conceitos por novos conceitos, velhas atitudes por novas atitudes.

Vejam o poder incrível dos atributos da competência comportamental. E, quando associada às competências cognitiva e tecnológica, igualmente desenvolvidas, estaremos diante de uma tríade capaz de permitir que façamos diferente e a diferença diante de qualquer desafio.

Os atributos da competência comportamental podem ser inerentes ao indivíduo ou desenvolvidos ao

longo da vida por meio de experiências vivenciadas. Ao fazer uso de uma simples taxonomia (classificação), posso inferir que existem atributos da competência comportamental vinculados a quatro dimensões (atributos da personalidade, habilidades analíticas, habilidades interpessoais e habilidades de liderança).

Os atributos da personalidade são atitudes para melhor ser, viver, conviver e se inter-relacionar com o outro, para o outro, pelo outro, sobre o outro, entre si e consigo mesmo. Entre os principais atributos estão os seguintes:

Curiosidade – é a mãe da ciência e da razão técnica, científica e substantiva.

Adaptabilidade – “Nada existe em caráter permanente a não ser o desafio da mudança” (Heráclito, 500 a.C).

Disciplina – com prudência e temperança tudo é muito mais possível!

Autoconfiança – eu quero! eu posso! eu farei! “Se podes crer, tudo é possível a quem crê” (Marcos, 9:23).²

Otimismo e entusiasmo – o otimista torce para que algo dê certo! O entusiasmado mergulha de cabeça, veste a camisa, arregaça as mangas, põe a mão na massa, se entrega de corpo e alma!

Fidelidade – ser fiel à sua consciência é a grande primeira atitude!

Mente aberta – aprendendo a aprender sempre!

Temperança – temperos na dose e na hora certas compõem a melhor receita, esse é o melhor dos caminhos!

Auto-obsessão – eu não sou o único que me interessa!

Prestação de contas – a prestação de contas otimiza o sucesso.

Foco na qualidade – qualidade é uma ferramenta, uma condição gerencial e um estado de espírito.

Resiliência – capacidade camaleônica de me adaptar a novas situações, a novos cenários, a novas possibilidades.

Autoconsciência – devo obediência em primeiro lugar à minha consciência, pois ela é a mãe das minhas atitudes.

Orientação para o resultado – ser eficiente é produzir com maestria, ser eficaz é alcançar os resultados esperados e desejados todos os dias.

Perseverança – aquele que persevera alcança, vence, é capaz de ser e de tornar feliz!

Ambição saudável – ser ambicioso de forma saudável significa ser amigo do tempo, que caminha em escala prospectiva, sem colocar o outro em situação de risco.

Sensibilidade – sensível é o ser humano crível, capaz de acreditar que algo seja possível ou não de acontecer.

Gestão da emoção – a emoção deliberada e desmedida à frente da razão pode vulcanizar o trabalho rumo ao insucesso; já a emoção ponderada, capitaneada pela razão, impulsiona o trabalho rumo ao sucesso.

Proatividade – ser proativo é antever oportunidades e possibilidades.

Busca pela excelência – a excelência reside na satisfação plena de todos os envolvidos e comprometidos com o processo, quais sejam: clientes internos e externos, maçons e sociedade.

Integridade – ser íntegro é ser pleno, digno e imaculado!

Gestão do estresse – nem tão depressa para se cansar, nem tão devagar para esmorecer.

Gestão da impulsividade – a qualidade de ser impulsivo pode fazer o possível se tornar impossível!

As habilidades analíticas nos remetem à capacidade de extrair percepções concretas, inovadoras e únicas a partir de dados e informações disponíveis ou buscados para construir o conhecimento. A capacidade analítica também está relacionada a outra qualificação de destaque, conhecida como tomada de decisão.

Entre as habilidades analíticas como ingredientes da competência comportamental, destaco estas:

Detalhista – cumpre as metas, levando em conta todos os detalhes importantes, sejam eles grandes ou pequenos. Preocupa-se com todas as partes da tarefa, mantendo um controle constante sobre o progresso do que necessita ser realizado.

Pensamento crítico – possui habilidades de pensamento de ordem superior, que permitem ver os dois lados da moeda. Fornece soluções criando e implementando novas metodologias.

Solução de problemas – demonstra a capacidade de resolver problemas e superar os desafios de forma eficaz, utilizando recursos e métodos disponíveis no menor tempo possível.

Planejamento e organização – planeja as etapas necessárias para alcançar os objetivos e a compreensão dos recursos necessários para isso. Capacidade de priorizar tarefas e alternar entre vários papéis para maximizar a eficiência.

Tomada de decisão – é a capacidade de obter conclusões lógicas a partir do número de opções disponíveis. Toma decisões informadas depois de levar em conta todas as informações, os resultados positivos e negativos, assim como os potenciais dessas decisões.

Pensamento estratégico – eficiente em fazer uma ação lógica, considerando as implicações de curto, médio e longo prazo de suas ações e decisões sobre a instituição/organização.

Gestão de ambiguidades – demonstra a capacidade de se sentir confortável em situações novas ou desconhecidas, bem como a capacidade de gerenciar o trabalho mesmo sem ter todos os detalhes necessários.

Pensamento inovador – o desejo inerente de mudar e inovar para garantir que a instituição/organização permaneça relevante e atualizada com os tempos de mudança.

No contexto das habilidades interpessoais reside um conjunto de características comportamentais que orientam e facilitam as relações humanas, com o propósito de tornar a convivência mais harmoniosa a partir da postura ética das pessoas que vivem e convivem, tendo em vista o necessário respeito às diferenças culturais, políticas, esportivas, religiosas e ideológicas que existem entre as pessoas.

Sob esse prisma, destacam-se como habilidades interpessoais as seguintes:

Comunicação efetiva – coloca os pensamentos e as ideias efetivamente de uma forma clara e breve, usando a linguagem adequada em formas de comunicação escritas e orais.

Escuta ativa e qualificada – escuta atenta que permite entender mensagens explícitas e implícitas comunicadas por outros. Filtrando, depurando, sondando e verbalizando ainda mais para obter mais informações quando necessário.

Trabalho em equipe – trabalha de forma interprofissional e colaborativa com os outros para alcançar metas e objetivos comuns, gerindo com habilidade situações de conflito em prol do crescimento mútuo.

Networking – demonstra a capacidade de construir redes profissionais e relacionamentos pessoais dentro e fora da instituição/organização. Usa isso como uma maneira de reunir informações e recursos para garantir o sucesso individual e organizacional/institucional.

Delegação – atribui tarefas a outras pessoas para garantir o gerenciamento eficiente do trabalho. Garante que as tarefas sejam atribuídas com base na experiência em compreender os pontos fortes do indivíduo e os recursos necessários para cumpri-las.

Confiabilidade – é honesto e ético em todas as transações com partes interessadas internas e externas para ganhar sua confiança. É considerado um parceiro confiável pelos outros.

Persuasão – demonstra a capacidade de apresentar as próprias ideias de forma confiante e convincente, ajustando-se e adaptando-se, com base no feedback verbal e não verbal da audiência.

Negociação persuasiva – demonstra a capacidade de convencer e comprometer efetivamente os outros para alcançar os resultados esperados e desejados.

Empatia – demonstra a habilidade de se colocar no lugar do outro, respeitando suas crenças e seus valores, de se preocupar com as pessoas e os problemas que estão enfrentando. Sempre pronto para ajudar aqueles em situação de vulnerabilidade e necessidade.

Abertura à diversidade – consciente e sensível às diferenças entre os indivíduos de diferentes gêneros, raças, etnias, países de origem, formações culturais, idiomas ou orientações sexuais. Garante que todos sejam tratados com respeito e sensibilidade, apesar dessas diferenças.

Gestão e mediação de conflitos – capaz de resolver as diferenças interpessoais de maneira oportuna, de

modo que leve a soluções ótimas e relacionamentos saudáveis com os outros.

No âmbito das habilidades de liderança, cabe pontuar que, entre elas, “A maior habilidade de um líder é desenvolver habilidades extraordinárias em pessoas comuns” (Abraham Lincoln). Ouso dizer que, no contexto da maçonaria, a principal habilidade de um líder maçom seja, em primeiro lugar, desenvolver em si próprio habilidades extraordinárias voltadas para o autoaperfeiçoamento. O reflexo dessa atitude poderá, a partir do exemplo, permitir que outras pessoas também desenvolvam tais habilidades.

Sob essa ótica, algumas habilidades se destacam, vejamos:

Motivando iguais – expõe uma compreensão dos vários motivadores intrínsecos e extrínsecos para envolver as pessoas no trabalho de forma igual. Oferece reforços e reconhecimento adequados como inspiração para realizar seus objetivos maçônicos, pessoais e profissionais.

Foco no desenvolvimento pessoal – focado no próprio crescimento e desenvolvimento maçônico, pessoal, profissional e de outros Irmãos e indivíduos, identificando suas forças comportamentais e funcionais e suas áreas de desenvolvimento. Proporciona oportunidades para trabalhar nas áreas de desenvolvimento

dos obreiros da Loja, por exemplo, por meio de várias orientações.

Ator e agente de mudança – comunica com eficiência a necessidade e a justificativa para a mudança e, assim, garante que todas as partes interessadas estejam confortáveis com ela. Enquanto ator, possui poder deliberativo e persuasivo; enquanto agente, apenas poder persuasivo.

Perspectiva visionária – possui uma mentalidade desenvolvida através da experiência que permite pensar em longo prazo, ter uma perspectiva mais ampla e explicar as tendências futuras que provavelmente impactarão o sucesso da organização/instituição.

Mentalidade institucional/organizacional – tem uma compreensão profunda, que envolve múltiplas possibilidades positivas de levar os rumos da Loja ou da maçonaria para além do que está sendo feito atualmente. Possui o forte desejo e a vontade de explorar essas opções para garantir ainda mais o sucesso da organização/instituição, de maneira a assegurar união, paz, harmonia e concórdia entre os envolvidos e comprometidos.

Influência persuasiva – demonstra a capacidade de convencer os outros sobre os seus pontos de vista e as suas ideias.

Inflamabilidade – a qualidade de estimular, instigar, provocar, oxigenar ou acolher, apaziguar, abrandar, acalantar, a depender da situação. Metaforicamente,

tem habilidade para ser ora um lança-chamas, ora um extintor de incêndio.

Em reflexão, compartilho a pergunta: quantas vezes durante a pandemia da covid-19 investimos em atributos das nossas competências cognitiva, tecnológica ou comportamental para melhor gerenciarmos inquietações ou situações de conflito geradas em razão da doença? As duas próximas trilhas, a partir do fenômeno da covid-19, convidam-nos a qualificar ainda mais nossa capacidade de reflexão.

TRILHA 5

Tudo há de passar

Esta trilha tem por objetivo permitir a reflexão sobre o quanto precisamos tornar cada vez mais leves os nossos dias de enfrentamento, vivência e convivência diante do fenômeno da covid-19, que ainda insiste em coabitar nosso espaço individual e coletivo.

Quiçá, com a permissão do Grande Arquiteto do Universo, enquanto lição para todos nós, seja possível fomentar a nobre convicção de que tudo há de passar e de que novos tempos haveremos de presenciar, no sentido de melhor ser, viver e conviver com o outro, sobre o outro, pelo outro, para o outro, entre nós e com nós mesmos.

Nesse compasso, lanço mão de uma linguagem poética para disparar a nossa aguçada capacidade perceptiva e reflexiva. A todos e a todas desejo uma ótima viagem nesta trilha introspectiva!

Tudo há de passar e muito há de ficar. De repente me vejo, lhes vejo, nos vejo retidos em fragmentados momentos, na clausura do isolamento. Parece algo há tempos vivido, momento de contundente emoção, aqui estamos e lá estávamos, isolados, em câmara de

reflexão. Tudo há de passar, não faz mal; afinal, o isolamento não é apenas individual, também é social. Parece um processo sem fim, mas porque, sendo social, tudo e todos se refletem diretamente em mim. Tudo há de passar, e muito eu quero deixar. Deixar que a força da família e do amor fraternal possa unir, fruir; deixar que o altruísmo possa naturalmente fluir.

Deixar que a ciência, com toda e qualquer possível evidência, permita que a vida em comunidade, irmanada, possa voltar a existir, no âmbito de tudo a que nos anima, em curto prazo, sem dúvida, a dádiva da vacina.

Em meio a esse contingenciamento, eu não quero, não posso e não devo aceitar que a doença em si continue a assumir o seu protagonismo, que continue a fomentar a variante do seu necroegoísmo. Mas sim apelar para a nossa resiliência, em essência, prudente, temperada e tolerante, de forma incessante, de maneira que sejamos ativos em prol de pactos significativos e responsivos, na busca do desejado equilíbrio, e que ele seja reinante.

No curso desse enfrentamento, eu devo, eu posso e eu quero beber da fonte da infinita abundância, sem medo de perder, com vontade extrema de vencer, exercendo a perene vigilância, disseminando nossas atitudes virtuosas e fazendo ecoar a nossa voz, pois

essa abundância não está em outro lugar, senão dentro de cada um de nós.

Tudo há de passar e muito haverá de ficar, pois que fique o aprendizado, reflexo do mais nobre legado, do pleno desejo: aprender a aprender com o outro, para o outro, pelo outro, sobre o outro, entre si e consigo mesmo.

O confinamento e o isolamento social nos deixam feito pedras pontiagudas, com bordas rombudas, irregulares, dentro de uma jarra de cristal. À medida que a jarra se agita as pedras vão batendo umas nas outras, atritando entre si suas pontas afiadas e suas bordas rombudas e irregulares, trincando a parede da jarra, de forma natural, às vezes proposital.

Porém, a partir do momento que as pedras vão sendo esmerilhadas, se arredondando, não ferem mais, nem tampouco serão feridas. Eis a senda da perene autolapidação, a caminho da tão desejada perfeição, distante, o que nos exige a busca incessante do que percebemos como o mais nobre de todos os bens: a vida.

O que é sábio nesse contexto é que, quanto mais distante estiver a perfeição, maiores serão as oportunidades para o aprender a aprender todos os dias, e isso é salutar na maçonaria.

E assim, com o amparo do Grande Arquiteto do Universo, que a vida volte a reinar imperativa, no con-

texto do retorno ao “novo normal”, em que a força, a beleza e a sabedoria possam encontrar abrigo na união, na amizade e no amor fraternal.

Sem sofismas, convido-os(as) a energizar, pois tudo há de passar!

Ao concluir esta trilha, compartilho a intencionalidade que ela abriga: o desejo e a esperança de que venceremos mais esta guerra, com inúmeras batalhas perdidas e outras vencidas, além de muitas outras que infelizmente deveremos perder, e de muitas outras que felizmente haveremos de vencer.

Mas fiquem certos de que, com a união perseverante de todos nós, irmanados a uma só voz, somos e sere-mos muito mais do que milhares de Irmãos, Cunhadas e Sobrinhos, somos milhares de outros Irmãos, outras Cunhadas e outros Sobrinhos.

E, nesse “novo normal”, convido-os a comigo em uníssono bradar: tudo há de passar!

Insisto, e tudo passará muito mais rapidamente se diuturnamente visitarmos a fonte da infinita abundância. Ela nos reserva belas oportunidades para o enfrentamento de qualquer desafio, entre eles o desafio do distanciamento social. A próxima trilha nos convida a visitá-la.

TRILHA 6

Distanciamento social e a fonte da infinita abundância

Em que pesem os infortúnios provocados pelo distanciamento social, decorrentes do “novo coronavírus”, reflito sobre a potencialidade existente no âmago do meu, do seu e do nosso “eu” para invocar a fonte da infinita abundância, inspirada em Deepak Chopra³, de maneira que ela possa nos permitir ver e pensar o problema como discrepância, e assim aprender a aprender a ser, viver e conviver com esse “novo normal”.

É notório e inegável o tensionamento social vivido nos últimos anos por conta da covid-19. Tensionamento que traz à luz ideias, pensamentos, temores, experiências e sentimentos capazes de transformar e mudar a vida consciente no plano individual e no plano coletivo.

Não foi diferente comigo e com aqueles circunscritos a mim. Diante desse cenário, é necessário lançar mão de atitudes que transitam pelo exercício da arte da convivência; por iniciativas constantes para que

seja possível fazer diferente e a diferença no contexto do “novo normal”; pela prática da ética social com base no QPD (nem tudo que eu quero eu posso, nem tudo que eu posso eu devo, nem tudo que eu devo eu posso, nem tudo que eu posso eu quero); pelo avanço sobre a estética, isto é, vislumbrando o belo, o agradável, o confortável, o admirável, o criativo e o aceitável. Enfim, tudo o que já fazia antes da pandemia, porém hoje com muito mais foco, muito mais vontade e muito mais responsabilidade, eu diria.

Sob uma outra ótica, esse cenário até bem pouco pandêmico, cujo divisor de águas foi a vacina, fez-me resgatar a diferença conceitual entre problema e discrepância. Chamo de problema toda e qualquer situação na qual enxergo apenas o seu lado negativo (é o fim, uma catástrofe, vai nos aniquilar, vou contrair a doença, vou para a Unidade de Terapia Intensiva, vou ser intubado, vou morrer, vou perder o emprego, não aguento mais ficar trancado em casa; e as sessões, como ficam?).

Ressalto: deixo longe a possibilidade de imaginar que devemos deletar esses pensamentos de nossas mentes, mas que eles não sejam exclusivos e muito menos dominantes. Afinal, existe o contraponto da discrepância, ou seja, quando eu percebo na situa-

ção-problema o seu lado positivo, fomentando a ideia de que eu posso utilizar o problema como trampolim para melhorar, para me conhecer melhor, para conhecer melhor os que me rodeiam, para me aperfeiçoar, para alcançar estados futuros desejados, para lidar e gerenciar com maestria o “novo normal”, que é e será inevitável. Então, enfrentar o fenômeno da covid-19, tratando-o como discrepância, e não simplesmente como problema, talvez seja o longo caminho curto para que possamos vencer mais esta batalha na minha, na sua, na nossa vida individual e coletiva.

Na condição de sanitarista, sempre fui adepto e disseminador de quatro etiquetas fundamentais: 1) a etiqueta do isolamento social (fique em casa!); 2) a etiqueta respiratória (use máscara!); 3) a etiqueta do contato (sem beijo, sem aperto de mão e sem abraço); e 4) a etiqueta do distanciamento social (manter distância de 1,5 a 2 metros daqueles com os quais não possui relação convivial frequente).

Eis que, na minha singela opinião, a mais complexa para lidar é a etiqueta do distanciamento social. Porém, ao lançar um novo olhar sobre essa complexidade, percebo nela a oportunidade de adotar estratégias (caminhos possíveis) para encurtar a distância desse distanciamento. Foi quando percebi que o que se apre-

sentava distante hoje está muito mais próximo, e essa aproximação, facilitada por tecnologias midiáticas e sociais, permite aproximar o distante, de maneira que o distanciamento seja menos impactante. Vejam, sob essa percepção, estou abordando o problema como discrepância, e não apenas como problema.

Sob tais prismas, questiono: onde residiria então a fonte da infinita abundância? Eu respondo! Está em cada um de nós. Reside na automotivação para querer fazer diferente e a diferença frente ao distanciamento social. Isto é, reside nos motivos suficientes que eu possuo para ver, pensar, pedir, mentalizar, somatizar, ser, viver, conviver, me relacionar e me inter-relacionar com o outro, sobre o outro, pelo outro, para o outro, entre nós e comigo mesmo. Quando eu quero, tudo conspira a favor. E esse querer tem o poder para nos reinventar, e, principalmente, para transformar o “eu quero” em “nós queremos”, o “eu posso” em “nós podemos”, o “eu peço” em “nós pedimos”, o “eu vejo” em “nós vemos”, o “eu tenho” em “nós temos”, o “eu faço” em “nós fazemos” e o “eu sou” em “nós somos”, esse “novo normal”. Sempre que eu quiser ou desejar eu posso e devo comparecer à fonte da infinita abundância, pois ela sou eu, é infinita e estará sempre à minha disposição. Basta eu querer.

Nesse movimento em que nossas vidas começam a se reestabelecer, convido a todos e todas para rogarmos ao Grande Arquiteto do Universo que nos ajude a não nos esquecermos de ajudar e que ao mesmo tempo possamos entregar confiando e receber agradecendo. O combustível desse movimento está na fonte da infinita abundância, bastando tão somente ir até ela introspectivamente sempre que quisermos ou necessitarmos, pois ela vive em cada um e em todos nós e jamais se esgotará.

A fonte da infinita abundância também se apresenta como uma fonte inesgotável para a prática da liberdade de escolha. Essa fonte que habita cada um de nós possui como uma de suas reservas a moral maçônica, celeiro de leis, normas e regras que orienta o nosso comportamento maçônico eticamente legitimado. A próxima trilha nos convida para essa imersão reflexiva sobre a liberdade de escolha à luz da moral maçônica.

TRILHA 7

Liberdade de escolha à luz da moral maçônica

Esta trilha nos convida à reflexão sobre a liberdade que temos e a liberdade que precisamos ter para estreitarmos os laços que nos unem como verdadeiros Irmãos. Liberdade que enseja evoluirmos na dimensão espiritual, moral, ética e estética; amarmos ao próximo; construirmos uma sociedade fraterna melhor; e contribuirmos para a evolução da humanidade no manto da felicidade.

Uma dessas possibilidades reside no uso da inteligência com liberdade de escolha. Isso exige a capacidade de discernimento entre o bom e o mau, o bem e o mal, perenemente voltado a nossa sobrevivência, nossa estabilidade e nosso desenvolvimento.

Não somos livres apenas pela possibilidade da escolha, mas essencialmente pela possibilidade contínua e incondicional de mantê-la, modificá-la ou eliminá-la. Isto é, a governabilidade – liberdade autônoma – não é uma escolha, mas sim uma possibilidade de escolha.

Só assim nos livraremos das amarras da privação, da alienação e da perversão moral e ética.

Do mundo profano trazemos crenças e valores que conformaram e conformam nossos hábitos e costumes. Estes, por sua vez delimitaram e delimitam nossas características, ou seja, o nosso caráter, que outrora subsidiou a construção da moral, cuja obediência ou desobediência determina o nosso comportamento ético ou não ético. Sob o prisma da moral vislumbramos a moral maçônica, com base no amor ao próximo e representada por um sistema de simbologias e alegorias que precisa ser percebido, concebido e praticado com liberdade em razão das possibilidades de escolha.

O exercício da moral maçônica exige que sejamos livres e de bons costumes para fazer o que temos o poder de fazer. Obedecer às leis – *Landmarks* – as quais possamos dar o nosso assentimento. Assim, haveremos de permanecer “nem nus nem vestidos”, para submetermos nossas vontades, vencermos nossas paixões e cavarmos masmorras para o vício.

Isso requer que estejamos revestidos de forma peregrina de nossas insígnias, senha para o eterno trabalho de autolapidação, pois as asperezas e excrescências não se cansam de nos ameaçar. Uma vez sucumbidos pelas ameaças, nos tornamos menores em razão da “escuridão” que passa a “iluminar” o nosso caminho.

Em contrapartida, precisamos nos manter inebriados com a vontade do compromisso da construção social, iluminada pela sabedoria, em busca de uma sociedade cada vez mais justa, humana, bela, fraterna e perfeita.

A nossa vontade é governada pelo equilíbrio dos motivos, isto é, pela automotivação que se descortina quando temos motivos para desenvolver determinada ação. A essa governabilidade também chamamos de liberdade. Assim, exercemos a liberdade da possibilidade de escolha sempre que vivenciamos o caos que impunha a paixão sobre a razão, simbolicamente materializada por ruídos, dificuldades e obstáculos.

Quando a deliberação que determina a escolha é impulsionada pela imposição de condições, estamos diante da privação de liberdade. Nesse sentido, quanto mais vulnerável for o controle sobre os recursos e as possibilidades para escolher, mais próximos da escuridão estaremos.

Por outro lado, quanto maior for o controle sobre os recursos que influenciam as possibilidades de escolha, mais próximos da luz estaremos. Portanto, a autonomia, ou seja, a governabilidade sobre o controle é o núcleo central da liberdade. Liberdade para compreender a simbiose necessária entre os três pilares que apoiam uma Loja Maçônica: a força que conclama ao

trabalho da construção social com intensa transpiração; a beleza que ornamenta nossas obras sociais decoradas pela solidariedade, pela fraternidade e pela caridade, com intenso discernimento; e a sabedoria espiritualizadora que orienta e conduz à luz da construção social para a felicidade humana com profunda inspiração imantadora.

Nesse caminhar, a liberdade somente se legitima a partir do poder absoluto sobre a totalidade a que o homem pertence. Liberdade que enseja a aplicação da ética da decisão para trilhar o caminho da disciplina orientado pela Régua de 24 Polegadas, que otimiza e aperfeiçoa a dimensão temporal. Liberdade que trilha o caminho da retidão projetado no Esquadro; liberdade delimitada na justa medida, sem provocar invasões indevidas ou o cerceamento da liberdade pessoal e alheia vislumbrada no Compasso; e liberdade justa e universal para promover a justiça com universalidade (para todos), com equidade, ao praticar a desigualdade para os desiguais, e com integralidade, ou seja, em todos os níveis da evolução espiritual e da construção social, representada pelo Nível e pelo Prumo. Tudo isso sob a égide do nosso código moral, constituído, por exemplo, dos *Landmarks* e das Instruções.

A moral maçônica sempre haverá de conferir algo sublime ao sujeito individual ou coletivo quando, sob

a égide do discernimento, aceitarmos o diverso, o diferente e o mundo das influências, simbolizado pelo Pavimento Mosaico, isto é, a liberdade da possibilidade de escolha entre o que é e o que poderá ou precisa ser.

Nossa memória, simbolizada na Prancheta da Loja, sempre será nossa fiel escudeira, pois armazena, revela e fideliza nossas percepções acerca do que somos e do que precisamos ser. Isso parece encontrar eco em nossas inserções com o Maço e o Cinzel, numa atitude manifesta de promover a cultura do discernimento por meio do equilíbrio entre a inteligência e a razão ao desbastarmos a Pedra Bruta, “levantando templos à virtude e cavando masmorras ao vício”.⁴

Isso, para nós, eternos estudantes, representa uma clara demonstração de que a solidariedade, a fraternidade, a fé, a caridade e a esperança se apresentam feito uma batuta com o perene desafio de comandar a orquestra de “Sementes das Romãs”, fortemente entrelaçadas e unidas, com liberdade para conduzir a sinfonia que permite vencer paixões, submeter vontades e fazer novos progressos contínuos e permanentes em nossa Ordem, pois, segundo Heráclito (500 a.C), “nada existe em caráter permanente a não ser o desafio da mudança”.

Temos idade suficiente para pertencermos ao mundo que nos envolve “da Terra ao céu” e da “super-

fície ao centro da Terra”, trabalhamos do “meio-dia à meia-noite”, produzimos de “Norte a Sul”; e para que isso seja possível buscamos a sabedoria inspiradora no Oriente para fortalecer com retidão a capacidade de transpiração e inspiração social no Ocidente.

Ao finalizar esta trilha, compartilho um provérbio chinês que diz: “Se quisermos colher em curto prazo devemos plantar cereais; se quisermos colher em longo prazo devemos plantar árvores frutíferas; agora, se quisermos colher para sempre devemos plantar solidariedade, fraternidade, caridade e amor ao próximo,” - com fé e esperança – contudo, sem jamais esquecermos que a escolha estará sempre condicionada à liberdade, e a liberdade sendo perenemente uma possibilidade, a possibilidade da escolha, assim queira o Grande Arquiteto do Universo, à luz da moral maçônica envolta em suas simbologias e alegorias.

Em que pese a minha, a sua, a nossa liberdade de escolha, amparada pela moral maçônica, em que medida, por exemplo, eu ainda poderia ser ou estar “deficiente espiritual”, a ponto de não permitir que a maçonaria fixasse residência no meu “eu” tal como devesse fixar? A próxima trilha talvez ofereça lampejos para fomentar a reflexão.

TRILHA 8

Sou maçom com “deficiência espiritual”

O propósito desta trilha é traçar reflexões sobre o quanto ainda necessito desbastar minha pedra bruta, de maneira que o seu polimento tenha o mínimo de aceitabilidade e possa combater minha “deficiência espiritual”.

Muito embora eu goze de boa saúde física e mental e me considere um ser feliz na vida profana e maçônica, a maçonaria me fez concluir este diagnóstico: “Sou uma pessoa com deficiência espiritual!”. De forma tácita e consciente, cheguei à porta da “fonte de luz” nos idos de abril de 2012, quando renasci para uma nova vida.

Humildemente me apresentei a ela, disposto a me envolver e a me comprometer com o seu mundo simbólico, alegórico e significativo, transformando em ação a intenção maçônica de contribuir para tornar feliz a humanidade.

Nesse momento iluminado, o “mar espiritual” se abria, era lançado nesse mar este “alevino aprendiz”

que viria a se transformar no maçom inquieto e hoje convicto de que é “uma pessoa com deficiência espiritual”.

Ao tocar pela primeira vez os pés nas águas desse “mar” percebi que, para conhecer seus princípios filosóficos e me encantar com os seus propósitos sociais, humanitários e espirituais, se fazia e se faz necessário mergulhar profundamente, cada vez mais profundamente, nos estudos, no trabalho, na fraternidade e na união.

Sinto que, à medida que o mergulho ganha profundidade, os momentos de reflexão e apreensão se multiplicam, pois não sei o quanto a minha capacidade apneica poderá suportar. Percebi, então, o quanto de deficiência poderia emergir da minha dimensão espiritual.

Se não bastasse tal inquietação, a passagem da Coluna B para a Coluna J me levou do material ao espiritual, do estético ao ético, do mágico ao social, do funcional ao substantivo e do real ao simbólico, como se pelo toque de uma vara de condão. Levou-me à construção compartilhada e interativa de novos conhecimentos e à reflexão sobre novas práticas no âmbito da aprendizagem ativa e significativa na maçonaria.

Esse desbaste progressivo está sendo uma mistura de estudo, trabalho, fraternidade, família, profanidade,

prazer, satisfação, iluminação e apreensão. Sabia que iria me deparar com situações e histórias pessoais, profissionais e institucionais complexas, significativas, que mudariam a minha concepção de mundo e a minha vida para sempre. Essa mudança diz respeito à descoberta do quanto eu ainda sou “deficiente espiritual”.

Deficiência que me joga contra os “rochedos da tortura emocional” pela intensidade da minha vida profissional, que me deixa inquieto por buscar maior espaço para me dedicar ao aprimoramento contínuo e permanente da minha vida maçônica e espiritual.

Deficiência que revela soluções de continuidade e me pede que eu exercite incessantemente a fraternidade e seja sempre, cada vez mais, “H2O”: humilde, honesto e obreiro.

Deficiência que me mostra a forte “correnteza” que tende a me levar ora na direção certa, ora na direção incerta, cujo poder de escolha, muito embora seja difícil, está, esteve e estará sempre comigo.

Deficiência que descortina a arte da convivência, diante de qualquer agrura, como sendo vital para agregar, congregar e fraternizar com prudência e temperança. Deficiência que revela minhas fraquezas diante da necessidade de prover minha vida espiritual de luz pulsante, luz irradiante.

Deficiência que se mostra visível quando da necessidade de compatibilizar meu tempo, meu ritmo pessoal e profissional com o tempo e o ritmo institucional para com a mais importante fonte de luz: o trabalho maçônico.

Por fim, deficiência que reside no desafio de manter a certeza de que serei capaz de continuar nesse mergulho, vencendo obstáculos e me iluminando espiritualmente de forma contínua e permanente, sem perder a capacidade de “oxigenação do espírito” e sem me deixar sucumbir pela “embolia do ser”.

Por isso, rogando proteção e luz ao Grande Arquiteto do Universo, pedi a Ele que me conceda amor para que eu possa amar ainda mais a vida, os Irmãos e a maçonaria. E o Grande Arquiteto do Universo me disse: “NÃO! Eu te dou vida, Irmãos e maçonaria para que possas aprender a compreender e a amar todas as coisas”.

Também pedi a Ele que me desse temperança e prudência. E o Grande Arquiteto do Universo me disse: “NÃO! Eu te dou discernimento para que possas exercer com maestria a tolerância e a prudência diante do que é justo e perfeito e do que é injusto e imperfeito”.

Assim, mergulhando do humano ao sujeito, do real ao ideal e do social ao espiritual, confirmo o diag-

nóstico: sou “uma pessoa com deficiência espiritual!”. Que eu e cada maçom possamos ser exímios “arqueiros”, vislumbrando simbolicamente no arco o Maço; e na flecha, o Cinzel. Que continuemos atirando nossas “flechas” para acertar o “alvo” da ignorância, do fanatismo e da superstição.

Certos de que às vezes nossas flechas passarão perto, às vezes passarão longe, porém sem jamais deixar de atirá-las. Que eu, orientado pela moral da Ordem, tenha sabedoria, força, beleza, vontade, inteligência e discernimento para ser “arqueiro” da arte real e ter capacidade de ser feliz, fazer feliz, bem gerenciar o atirar das flechas e, sempre que possível, acertar o alvo das incompreensões humanas, das excrescências e asperzas que continuam a me habitar e a fazer de mim uma “pessoa com deficiência espiritual”.

Diante de qualquer “deficiência espiritual”, buscar suprir essa lacuna a partir do equilíbrio entre o “eu maçom ser de palavra, de diálogo, de relação” e o “eu maçom ser de silêncio” parece ser uma estratégia a se pensar. Vejamos se conseguimos qualificar essa possibilidade estratégica nas reflexões extraídas na próxima trilha.

TRILHA 9

Por que somos sujeitos de palavra e de silêncio?

Esta trilha tem como propósito explorar a relação prática e harmônica do silêncio com a palavra voltada para o desenvolvimento humano, espiritual e social.

No silêncio e na palavra se inserem valores da razão, do coração e da ação que nos permitem discernir a intervenção construtiva da nefasta atitude do vício.

Apoiado no pensador Alfred Roberts, vos convido a mergulhar em reflexão: precisamos policiar nossos pensamentos, pois eles se tornarão nossas palavras; precisamos policiar nossas palavras, pois elas se tornarão nossas ações conscientes; precisamos policiar nossas ações conscientes, pois elas se tornarão nossos hábitos; precisamos policiar nossos hábitos, pois eles delimitarão o nosso caráter; precisamos policiar o nosso caráter, pois ele selará o nosso destino. Somos sujeitos de palavra e de diálogo. Portanto, a palavra e o diálogo praticados com proficiência e maestria se tornam a embalagem dos pensamentos e a residência das intenções conscientes nas mais diversas dimensões.

A oportunidade do silêncio oferecida ao maçom e a qualquer pessoa é uma dádiva, pois permite investir no aprimoramento do sujeito e de alguns dos seus sentidos. Assim, em todos os momentos de silêncio introspectivo, reflexivo e propositivo acerca de algo que está querendo ser dito ou socializado, somos capazes de ouvir e escutar, de ver e enxergar e, principalmente, de falar e dizer, de agir e fazer sem pronunciar uma única palavra sequer. Muitas vezes, um olhar e um gesto dizem mais do que qualquer discurso. Afinal, por que temos uma língua e dois ouvidos? Seria para ouvir mais e falar menos? Ou seja, meus Irmãos, quanto mais fraterno, humilde e generoso for o coração, menos necessitaremos do discurso e da palavra. Como dizem alguns filósofos: as verdadeiras palavras nem sempre são bonitas, e as palavras bonitas nem sempre são verdades!

O silêncio tem na sua dimensão transcendental a mais proeminente das características. Por meio dela, o silêncio consegue ultrapassar fronteiras geográficas, físicas, sociais e espirituais, pois é possível viajar, em qualquer momento, da Terra ao céu, do Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul e da superfície ao centro da Terra, em seus quatro cantos, em meio às diferenças mosaicas, mediante uma única permissão: a do nosso

“eu”. Diante dessa dimensão, a sabedoria está em permitir que poucas palavras digam muito, em detrimento da esperteza, quando se fala muito sem, no entanto, dizer nada.

O silêncio parece ser fundamental quando do desbaste da Pedra Bruta. Nele, a introspecção nos permite identificar com maior facilidade toda e qualquer excrescência, que, ao sofrer a ação delineadora e precisa do Cinzel, sob a intensidade da força adequada conferida pelo Maço, objetiva extirpar pela raiz somente os vícios, sem atingir ou danificar as virtudes. Vejam, meus Irmãos, em dois anos aprendemos a falar. Pronto! Agora temos a vida inteira para aprendermos a desbastar a Pedra Bruta, orientados pela sabedoria do silêncio e da palavra expressada com maestria.

O silêncio, enquanto dimensão política, se manifesta de duas formas: o constitutivo e o local. O silêncio constitutivo pertence à ordem de produção do sentido, representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala a introspecção e a ação comedida, ou seja, pensamos e dizemos “x” para não dizermos “y”. O silêncio local, por sua vez, manifesta-se através da censura, trata-se da produção do sentido como uma estratégia política de produção do interdito, do proibido; materializa-se na interdição do dizer, no aborta-

mento do falar, isto é, muitas vezes o melhor é se calar para não extrapolar.

Através do silêncio, “podemos passar das palavras para as imagens e para as metáforas”. Assim, “a materialidade do silêncio está especificada na relação do imaginário com o real”.⁵ Isso nos remete à preocupação com o silêncio, que pode transitar por três caminhos: a produção do silêncio como prática inerente, assimilada e perene (reflexão e meditação); a capacidade que um sujeito tem de silenciar outro sujeito, de fazer de um determinado sujeito político um não sujeito (intimidação, coação, pressão, persuasão maquiavélica); ou a invenção de um sujeito, tendo apagado os sentidos do sujeito político anterior (alienação, fanatismo, persuasão).

O silêncio também contribui para potencializar a transformação do ser humano nesse que nós denominamos de sujeito, isto é, crítico, reflexivo, criativo, inovador, fraterno, humilde, obreiro, caridoso e solidário. Este, sim, capaz de pensar com proficiência sobre tudo que existe, existiu e existirá.

Em meio ao silêncio que ora me orienta, resumo o meu sentimento enquanto ser de palavra e de diálogo em cinco únicas – porém, penso eu, significativas – palavras: vamos nos amar, meus Irmãos!

Ser um maçom de palavra e de silêncio a partir do entendimento sobre o quão necessário é se apoiar no fundamento moral para a prática de atitudes aceitas e respeitadas, portanto, eticamente legitimadas, pode ecoar positivamente sobre o nosso caminhar na maçonaria. A próxima trilha oferece pavimentação reflexiva para esse caminhar.



TRILHA 10

Das raízes aos galhos, dos galhos às raízes

Trata-se de uma trilha com o objetivo de refletir acerca do caminho a ser percorrido das raízes aos galhos e dos galhos às raízes, por meio de vivências, práticas e construções, a partir de valores tais como moral, ética, justiça e verdade, princípios fundamentais para uma digna vida maçônica.

A reflexão exercitada tenta se apropriar do simbolismo emanado no âmbito da maçonaria, bem como de questões filosóficas para as quais buscamos respostas de forma contínua e permanente. Tal reflexão nos remete à ideia de que a crença no Grande Arquiteto do Universo é raiz, ao passo que moral, ética, justiça e verdade são os galhos que reproduzem nossas atitudes, frutos que selam paulatinamente o nosso destino maçônico.

Em princípio, o que seria possível vivenciar, praticar e construir quando decidimos trilhar o caminho entre as raízes e os galhos da árvore geradora de frutos

tais quais atitudes amparadas em valores como moral, ética, justiça e verdade? Reflexão que transita por assuntos inquietantes, como a origem e o futuro da vida, além de perspectivas direcionadoras da nossa conduta na condição de maçons. Por isso, não procuremos nos galhos o que somente encontraremos nas raízes dessa árvore simbólica, dessa árvore significativa!

Essa tomada de consciência leva este Irmão, em analogia, a pensar sobre as raízes que podem orientar nossas ações e nossas atitudes, que ora se vinculam aos galhos e frutos virtuosos na dimensão pessoal, social e espiritual.

Então, imbuídos desse propósito, adentremos no pórtico da felicidade e nos inebriemos com os deveres morais que adornam e fortalecem o nosso caráter. Vamos receber a luz, irradiação energética, para que possamos melhor gerenciar os pensamentos que nos circundam e que orientam nossos atos da consciência.

Caminheemos no mundo em mosaico, com o firme propósito de sempre buscar o equilíbrio entre as diferenças e os contrastes que insistem em nos impor desafios e decisões.

Busquemos no Cordel o devido alinhamento da conduta: nem para a direita, nem para a esquerda, senão reto.

Pratiquemos a livre escolha, sempre para o melhor caminho traçado pelo Lápis da sabedoria, a fim de vigiar nossos pensamentos, pois eles se tornarão nossas palavras; a fim de vigiar nossas palavras, pois elas se tornarão nossas atitudes, e estas selarão o nosso destino.

Atentemos para as possibilidades e os limites entre o virtuoso e o vicioso, o bem e o mal, o certo e o errado. Portanto, vamos viver compassadamente à luz da justiça que enfrenta a iniquidade, buscando a vitória do certo sobre o errado e do justo sobre o injusto.

Por isso, não procuremos nos galhos dos vícios, da ação impensada, irresponsável e impulsiva, o que só encontraremos nas raízes que acomodam a seiva das virtudes orientadas pela moral, pela ética, pela justiça e pela verdade, princípios que em convergência processam a seiva vital, nutriente indispensável à verdadeira vida maçônica.

Vejamos, a maçonaria foi concebida a partir de crenças e valores (a crença na existência de um Grande Arquiteto do Universo, e valores tais como liberdade, igualdade, fraternidade, união, justiça, verdade e felicidade); crenças e valores que delimitam hábitos no plano individual, e costumes no plano coletivo (ritos, solidariedade, fraternidade, caridade), que por sua vez conformaram e conformam o caráter da nossa Ordem

(por exemplo, não ser dogmática, não ser religiosa), instituindo e institucionalizando seus códigos morais (Landmarks, Constituição, Regulamentos, Regimentos, Instruções), determinando assim atitudes eticamente legitimadas (o trabalho para o aperfeiçoamento pessoal e espiritual e a construção social para tornar feliz a humanidade).

Quem sabe essa reflexão ativa e significativa possa nos permitir ser protagonistas, e não coadjuvantes, na busca incessante de sentido e de verdade para o que somos, o que fazemos, o que queremos e o que buscamos, ora no plano pessoal, ora no social, ora na materialidade, ora na espiritualidade.

Por isso, não procuremos nos galhos da intolerância e do preconceito aquilo que encontraremos apenas nas raízes da prudência e do humilde respeito.

Das raízes emanam sete direções para as quais devemos olhar atentamente:

1. Olhemos para a frente, a fim de sabermos aonde estamos indo na e com a maçonaria.
2. Olhemos para trás, para lembrarmos de onde viemos, sem incorrermos nos erros do passado.
3. Olhemos para baixo, para termos convicção de que não estamos pisando em outras pessoas, pois esse ato pode contribuir para a nossa ruína ao longo da jornada.

4. Olhemos para os lados, para enxergarmos em quem nós buscamos apoio, quem nos apoia e quem necessita do nosso apoio.
5. Olhemos para cima, para lembrarmos que o Grande Arquiteto do Universo tudo vê e a todos ilumina, orienta e conduz.
6. Olhemos para fora, holograficamente, para que identifiquemos por meio do pensamento sistêmico o máximo possível ao alcance do nosso radar.
7. E, finalmente, olhemos para dentro, para humildemente nos lembrarmos do quanto ainda precisamos desbastar a nossa Pedra Bruta e melhorar continuamente no curso da nossa caminhada, pois ela está apenas começando. E lembremos: ela é extremamente curta, cheia de trilhas e teias!

Esse raso mergulho reflexivo, a partir desta trilha, acerca de valores tais como moral, ética, justiça e verdade, com uma trajetória que vai das raízes aos galhos e dos galhos às raízes, ao transitar por questões inquietantes, apresenta-se, creio, como mais uma oportunidade para exercitarmos a consciência crítica no contexto da nossa Ordem.

À luz do simbolismo inerente, ousa inferir que somos sementes, somos liberdade, igualdade e fraternidade, orientados pelas luzes da moral, da ética e da virtude, imantados pela aura da verdade, exposta ao risco

da efemeridade, pela aura da justiça, às vezes pouco praticada, e pela conquista da felicidade, nossa principal imagem-objetivo.

Somos maçons, somos raízes, somos tronco, somos galhos, somos frutos, somos maçonaria para fazer diferente e a diferença sempre, deixando nossa marca. Nessa direção, sejamos a cada dia melhores – não melhores do que os outros, mas melhores do que nós próprios. Um caminho possível? Ser feliz a partir da nossa crença no Grande Arquiteto do Universo, pois Nele, raiz, a felicidade nos fortalece, e a vida, os galhos, com belos frutos (atitudes), há de perenizar!

Sob esse prisma, a busca do entendimento para o devido equilíbrio entre Metal e Amizade pode se configurar como uma possibilidade reflexiva agregadora. Ei-la estampada na próxima trilha.

TRILHA 11

Metal e Amizade

O objetivo desta trilha consiste em refletir sobre a relação entre o Metal e a Amizade em razão das buscas que precisamos realizar para alcançar o equilíbrio desejado no contexto do fortalecimento da Ordem Maçônica em qualquer dimensão.

Meus Irmãos, em reflexão vos digo: vede o quão fascinante é o Metal! Fascínio que significa e seduz, atrai e induz. Indução que não raras vezes submete nossas vontades, estimula nossas ações, vence e derrota nossas paixões.

Vede o quão fascinante é a Amizade! Fascínio que também significa e seduz, atrai e induz. Indução que não raras vezes também submete nossas vontades, estimula nossas ações, vence e derrota nossas paixões.

Eis que as duas asserções se acomodam perfeitamente, mesmo sendo iguais na escrita. Onde, então, estaria a relevante e significativa diferença? Na semântica, nas atitudes? Vejamos.

Nós que fortalecemos vínculos com o Metal, pensemos que o fazemos sem sucumbir, com relativa inte-

ligência e máxima retidão, pois o argumento da sobrevivência nos impõe necessidades, limites, facilidades e dificuldades que podem assombrar e influenciar os influxos da razão. A razão, uma vez submetida ao risco perene e iminente, quando atrelada aos vieses morais não ilibados, pode revestir nossa liberdade de escolha com falsas alegorias e máculas que provocam profunda dor nos nossos entes e nos outros.

Nós que fortalecemos vínculos com a Amizade, pensemos que o fazemos com profunda sabedoria, pois o filo da amizade deve conceder e transcender, constantemente inebriado pelo Eros da paixão, que exige a união solidária, e pelo Ágape, da entrega que oferece sem esperar a recíproca. Ao violar tais premissas nós estabelecemos a ruptura que faz nossa moral sangrar, inundando de perplexidade os Irmãos que juraram defesa até os nossos últimos dias.

Nós que procuramos a essência no Metal pensamos que a acharemos na matemática, pois o Metal nos permite multiplicar a alegria e quase sempre também a dor.

Nós que procuramos a essência na Amizade pensamos que também a acharemos na matemática, pois a Amizade vos permite multiplicar a alegria e dividir a dor.

Também a acharemos na atividade física, pois ao marcharmos a dois, que mutuamente se completam e se ajudam, rumo a qualquer oriente, dividiremos o cansaço e perceberemos que não seremos dois, senão um só sujeito, unísono e compartilhado.

Nós que procuramos a voz do Metal encontraremos naquele que fala da grandeza de si e da riqueza para si, a fim de conseguir eco e ressonância. Também encontraremos na voz da consciência, silenciosa, porém muitas vezes perversa e orientadora de ações hipnotizadas pelo brilho reluzente e pela capacidade sedutora do Metal. Muito embora a voz da consciência fale para uma só pessoa, mais cedo ou mais tarde dirá para todos os contornos da sua intenção e ação.

Nós que procuramos a voz da Amizade encontraremos verdade naquele que fala da grandeza dos outros, e não de si, a fim de conseguir eco e ressonância na maçonaria. A voz da consciência, por sua vez, reconhecerá os limites fronteiriços da própria liberdade de escolha, evitando que ela venha, por meio da perversidade dos lábios e da ação consciente transgressora, a ferir a moral dos que vos circundam e comungam da vossa convivência.

O fascínio invariavelmente nos submete à reflexão sobre o quão fascinantes são o Metal e a Amizade e

de quais materiais são constituídos. Então, nós que procuramos o material de constituição do Metal encontraremos metaforicamente na borracha. A “romã de borracha”, ao cair no chão, bate e volta. Por outro lado, nós que procuramos o material de constituição da Amizade encontraremos metaforicamente no cristal. A “romã de cristal”, ao cair no chão, bate, espatifa-se e não volta, a não ser que nós consideremos a longevidade da Amizade diretamente proporcional à nossa capacidade de perdoar.

A sede de Amizade muitas vezes se apresenta incompatível com a fome de Metais, a não ser que as falsas intenções orientem sua fusão.

Aí sim a felicidade poderá vencer o sofrimento com dignidade, por meio da perene Amizade que exerceu, exerce e exercerá o eterno fascínio do ser, em detrimento do Metal que se vincula, com reservas, ao eterno fascínio do ter. Portanto, ao final desta trilha, jamais deixemos a “romã de cristal” cair. Que assim seja!

Neste trilhar, apropriar-se da simbologia e da alegoria significativas oferecidas pelas principais ferramentas e joias utilizadas em nossa Ordem pode qualificar ainda mais nossas atitudes maçônicas, de maneira que o discernimento entre Metais e Amizade possa ser mais bem compreendido.

TRILHA 12

Roda de prosa entre ferramentas e joias maçônicas

Esta trilha tem por objetivo explorar a simbologia e as alegorias que transitam no contexto de algumas ferramentas e joias maçônicas, tais como Esquadro, Maço, Cinzel, Compasso, Nível, Prumo, Régua de 24 Polegadas e Alavanca. Uma vez inquietas com suas *performances*, resolveram organizar uma roda de prosa para expor e compartilhar suas inquietações na tentativa de encontrar soluções colaborativas em prol da Arte Real.

A simbologia e as alegorias oferecidas por algumas ferramentas e joias maçônicas são ricas fontes para o exercício da consciência crítica acerca da Arte Real. Consciência crítica que envolve ver, perceber, pensar, refletir, ser e agir, para que a autolapidação possa acontecer mais e melhor, de forma contínua e permanente.

Sob esse prisma, esta peça se apresenta com o propósito de explorar de forma significativa a simbologia e as alegorias oferecidas pelo Esquadro, pelo Maço, pelo Cinzel, pelo Compasso, pelo Nível, pelo Prumo, pela Régua de 24 Polegadas e pela Alavanca, de maneira

que a representação gráfica ou pictórica das ferramentas e joias abordadas possa descortinar respectivos significados à luz da maçonaria – a isso nós chamamos de simbologia. E, ao mesmo tempo, permitirá que se exponha um determinado pensamento de forma figurada, isto é, falando sobre algo de outra maneira – a isso nós chamamos de alegoria.

Eis que, num forte e belo dia, algumas ferramentas e joias maçônicas, inquietas com suas respectivas percepções aguçadas acerca da maçonaria, resolveram organizar uma roda de prosa para dialogar sobre os seus movimentos no contexto da Arte Real, a fim de qualificar suas ações com o propósito maior de se autolapidar para ser e tornar feliz.

Tais ferramentas e joias, então, reuniram-se para expor e compartilhar suas inquietações, angústias e percepções, momento em que o Esquadro pediu a palavra, a bem do interesse de todos, para se manifestar.

– Meus retos Irmãos, às vezes penso que o meu ângulo reto não esteja tão reto assim. Muito embora eu trabalhe incansavelmente para isso, percebo que muitos Irmãos não estão totalmente “dentro do esquadro”, e isso me incomoda sobremaneira. Sempre que observo minhas hastes, percebo que nem todos os Irmãos compreendem o sentido da horizontalidade material, nem tampouco o sentido da verticalidade espiritual.

Estou preocupado com a perversidade dos lábios, pois não desejo que qualquer Irmão, enquanto ser de palavra, se desvie para a direita ou para a esquerda, senão reto, no âmago de suas atitudes. Sinceramente? Estou preocupado com a nossa perenidade no contexto da retidão moral. O que pensas a respeito disso, meu querido Irmão Maço?

– Pois bem, meus fortes Irmãos, também estou inquieto, vivo em processo de introspecção, refletindo sobre se todos compreendem com suficiência o significado da intensidade dos meus golpes. O porquê, em determinados momentos, de eles precisarem ser mais intensos ou mais brandos, ou ainda o mais silenciosos possível. Penso que essa força de vontade em diversos tons, sons e movimentos necessita ser bem compreendida e praticada entre todos nós, pois ela está intimamente ligada com o meu querido Cinzel. A propósito, Cinzel, qual é a tua percepção?

– Vejais só, meus imperfeitos Irmãos, na condição de Cinzel, muitas vezes me deparo com asperezas e excrescências de difícil eliminação, o que vai exigir uma força bastante intensa sobre mim do meu Irmão Maço. Outras vezes, diante de paixões desprezíveis, sofismas e vícios impregnados, sinto que o Maço não possui a força de vontade necessária para que possa me orientar no sentido de dirimir ou diminuir tais entraves ao pleno curso

da minha e da nossa vida maçônica. Penso que devemos encontrar o devido equilíbrio, a ponto de sabermos transitar do material ao espiritual, visitando e praticando o social. Nesse compasso, o que pensas, Compasso?

– Vejais bem, prudentes e temperados Irmãos, penso que as minhas atitudes, juntamente com as atitudes do Irmão Esquadro, constituem um dos nossos principais desafios: transitar pelo material e pelo espiritual sem perder de vista o social, sendo que a necessidade contínua e permanente da autolapidação é condição essencial para ser e tornar feliz. Esse desafio exige entrega e muito, mas muito estudo, o nosso principal trabalho. Frequentemente, percebo que sou apenas uma ferramenta decorativa sobre o Livro da Lei, pois muitos, no tempo incerto, ainda não conhecem o meu verdadeiro significado, e isso me deixa bastante triste, sabíeis? Porém, não desisto nunca.

– Meu Irmão Compasso, por gentileza, eu poderia expressar minha reflexão?

– Claro, meu querido Irmão Nível! Compartilha conosco tua percepção.

– Meus justos Irmãos, mirai-vos no meu desafio: atender de forma desigual os desiguais, de maneira que todos se sintam e se façam iguais diante das leis naturais e sociais. Será somente a partir da igualdade que estaremos empatados e permitidos a ver, pensar, refletir e agir

na condição de maçons que somos. Como eu percebo isso na prática? É, meus Irmãos, muitas vezes, na prática a teoria é outra, e isso apresenta-se ora como muros que devemos transformar em pontes, ora como nós que precisamos transformar em laços. Mais uma vez, o exercício da autolapidação nivelada entra em cena, de maneira que a nossa vida maçônica seja diuturnamente alavancada. Falando nisso, vejo que a nossa querida Alavanca está querendo se manifestar. É verdade, Irmã?

– Estou sim! Ouvi atentamente as inquietações e reflexões de cada um de vós – muito ricas, por sinal –, o que me remete a uma outra reflexão. Eis que comigo está o poder da vontade, força sem a qual muito pouco seria possível. Vontade essa que deve ser comedida no curso do tempo que precisamos gerenciar, e para isso se faz necessário que esteja coladinha em mim a Régua de 24 Polegadas, que também está querendo se manifestar, pelo que vejo. Porém, na condição de alavanca, quero ratificar que, diante de todas as inquietações, me coloco à disposição como ponto de apoio, fomentadora da perseverança e impulsionadora da vontade, para que tudo possa se tornar possível diante do nosso desejo maçônico de nos autolapidarmos para ser e fazer mais e melhor à luz dos preceitos morais e éticos da nossa Ordem. Não é isso, Irmã Régua?

– Perfeito! Do mesmo modo, estou atenta a tudo e

a todos, e ao mesmo tempo percebendo o quanto posso ajudar a gerenciar o nosso tempo maçônico, que jamais pode ser recuperado, uma vez perdido. Percebo que cada fração de tempo, no minuto, na hora e no dia, pode significar o quanto podemos acelerar e frear durante o processo de construção no contexto da Arte Real. Gerenciar o nosso tempo maçônico com maestria talvez seja uma das atitudes de grande sabedoria, pois nele reside o espaço por onde deverão transitar livremente o Irmão Esquadro e o Irmão Compasso, além de todos nós. Dito isso, eu gostaria de pedir, com a anuência de todos vós, que o Irmão Prumo pudesse tecer sua percepção e, ato contínuo, encerrar a nossa roda de prosa. Com a palavra, o Irmão Prumo.

– Meus queridos, fazendo coro às falas que me antecederam, eu diria que a retidão, o caráter, a integridade e a dignidade são predicados essenciais, mesmo vitais, de todo e qualquer maçom. A serviço da consolidação desses predicados é que eu me coloco à inteira disposição de cada um de vós, por isso me chamo Prumo, e sendo Prumo jamais deixarei de contribuir para que façamos uma maçonaria cada vez mais digna dos Irmãos que a compõem, imbuídos do nosso propósito maior, que é tornar feliz a humanidade. E para que isso seja pródigo precisamos agir como uma ótima orquestra, em que ferramentas e joias atuam em sintonia fina,

compondo com maestria a sinfonia da autolapidação. Assim, meus Irmãos, dou por encerrada esta nossa forte, bela e sábia roda de prosa maçônica.

Façamos valer a nossa simbologia e a nossa alegoria para ver, pensar, refletir e agir na maçonaria diante dos preceitos morais, éticos, sociais e espirituais que a envolvem, a orientam e a conduzem. Que assim seja! Momento em que todos em uníssono respondem: que assim seja!

Ao concluir esta trilha, compartilho que o universo da simbologia e da alegoria explorado no contexto da maçonaria é fundamental para a sua compreensão e a sua prática. Compreender as dimensões simbólicas e alegóricas é o longo caminho curto para que a arte de construir encontre ressonância na autolapidação por meio das ferramentas e das joias.

Afinal, apropriar-se das reflexões simbólicas e alegóricas oferecidas pelas ferramentas e pelas joias maçônicas nos convida ao firme compromisso com a celebração da vida, de forma prudente e temperada, exercendo a arte de construir e trabalhando com constância e coerência de propósito para que possamos continuar na nossa senda perene de ser feliz para tornar feliz a humanidade, e, a partir do legado deixado por meio das nossas inserções, cultivar a imortalidade do espírito no âmago da concepção maçônica.

TRILHA 13

Imortalidade do espírito

Esta trilha, realizada na primeira pessoa, tem por objetivo compartilhar a percepção reflexiva que habita este Irmão acerca do significativo aprendizado obtido sobre a imortalidade do espírito maçônico e da importância do significado dessa imortalidade para continuar o processo de autolapidação, na complexa arte de construir no contexto da Arte Real.

A partir do momento em que a maçonaria invadiu o meu ser físico, mental, social, material e espiritual, transitando sabiamente pelos três graus simbólicos, um importante processo de transformação e principalmente de mudança em mim se instalava gradativamente. Transformação em razão de certos conceitos e pré-conceitos que foram e estão sendo permanentemente lapidados, modificados e aperfeiçoados; mudança materializada na substituição de velhas ideias por novas ideias, velhos conceitos por novos conceitos, e velhas atitudes por novas atitudes no âmbito da maçonaria.

E foi justamente esse processo de transformação e de mudança que me orientou e me conduziu para

uma nova concepção sobre a imortalidade do espírito, à luz da sua separação em duas dimensões: a imortalidade do espírito com essência religiosa e a imortalidade do espírito com essência maçônica. Nesse compasso, ousei compartilhar a minha percepção sobre a imortalidade do espírito exclusivamente na dimensão maçônica, deixando que a essência religiosa seja explorada à luz da crença de cada um.

Desde a iniciação, transitando pelos graus simbólicos de Aprendiz, Companheiro e Mestre, aprendendo a aprender, sempre alimentei a convicção de que eu não estava me permitindo pedir nada, mas sim oferecer tudo. Oferecer a mim mesmo as oportunidades simbólicas e alegóricas para trabalhar sobre o meu “eu” pessoal, material, social e espiritual, sobre a minha Pedra Bruta, que necessita ser constantemente autolapidada.

Nesse momento, descobri que, quanto mais me autolapidava, mais excrescências surgiam, mais asperezas emergiam, mais imersão nos estudos da Arte Real me exigia.

Foi quando, então, percebi o quanto o meu espírito maçônico estava avariado, combalido, necessitando ser desenvolvido de forma contínua e permanente, até o fim dos meus dias nesta vida terrena, podendo ou não se tornar imortal. Enfatizo que faço referência nes-

ta reflexão exclusivamente ao meu espírito maçônico, e não ao meu espírito religioso.

A busca e a evolução da imortalidade do espírito religioso faço invocando as graças do meu Deus, do meu Grande Arquiteto do Universo, cujos degraus para alcançar a imortalidade desejada a maçonaria definitivamente não me oferece. Por outro lado, a maçonaria me oferece todos os degraus necessários para que eu possa construir a imortalidade do espírito maçônico. A Escada de Jacó se apresenta como um belo exemplo. Portanto, onde então reside a imortalidade do espírito maçônico?

Em reflexão vos digo: reside na arte de estudar, na arte de se autolapidar, na arte de saber usar a força quando a maçonaria me exige transpiração, usar a beleza quando me exige inspiração e usar a sabedoria quando me exige discernimento, altivez e inteligência racional para dizer que, quanto mais eu sei, mas eu sei que nada sei.

Esse mosaico reflexivo me possibilita realizar uma construção de forma perene, e essa construção talvez possa me permitir deixar um legado. Eis a essência da imortalidade do espírito maçônico: o legado deixado! Para que seja lembrado, explorado, reproduzido, amplificado e exemplificado.

Ratificando, a imortalidade do espírito maçônico está diretamente vinculada à minha obra de autolapidação, isto é, quanto mais autolapidada estiver a minha Pedra Bruta, mais convergente estarei com a possibilidade da imortalidade do meu espírito maçônico, que jamais deve ser, em hipótese nenhuma, encarada como um objetivo ou uma meta, mas sim como um percurso evolutivo, sabiamente construído em minha vida maçônica.

Ao concluir esta trilha, compartilho a reflexão que atribui ao autêntico e fervoroso maçom a compreensão de que a imortalidade do espírito não guarda convergência com a vida eterna divinamente almejada, ou seja, com todo e qualquer tipo de religião ou divindade, mas sim com a arte de construir pautada na Arte Real, por meio de princípios e leis maçônicos, tendo como consequência natural o legado deixado, imortalizado pelo fato de tudo ao alcance ter sido feito para a minha inalcançável perfeição, em prol de uma maçonaria justa e perfeita e uma humanidade feliz, com reflexos que ratificam a essência maior de ser maçom e fazer maçonaria. Afinal, de que serviria a maçonaria? de que serviria ser maçom?

TRILHA 14

*De que serviria a maçonaria,
de que serviria ser maçom?*

O propósito desta trilha consiste em estimular reflexões que contribuam para a busca de sentido sobre o papel da maçonaria, a arte de ser maçom e a prática da maçonaria com altas doses de envolvimento e comprometimento. Esse processo acontece quando da convergência entre crenças e valores ativos e significativos, isto é, que invoquem o protagonismo individual e coletivo do maçom e da maçonaria, a partir da entrega individual para o aperfeiçoamento pessoal, o desenvolvimento social e a evolução espiritual em prol da felicidade da humanidade. A perspectiva é que o resultado de cada imersão reflexiva mergulhe o maçom em questões pontuais que transitam entre o papel da maçonaria e o meu, o seu, o nosso papel na condição de maçons livres, antigos e aceitos.

Ser maçom significa manter vivos, em pleno estado de ebulição, no âmago de algumas viagens, os valores explorados e incorporados quando da realiza-

ção de um significativo rito de passagem. Durante as viagens investidas de simbolismo, o propósito da ressignificação me fez imergir nas primeiras reflexões: às vezes me perco, às vezes me procuro, não sei se me acho, muito embora esteja escuro. Em cada segundo, em cada momento, insisto em me achar, por isso no escuro me busco, para quem sabe na luz me encontrar. Num cenário imaginário, a luz passo a desejar, comprometo-me a persegui-la e começo a vislumbrar. Oh, desejada luz, onde estarás! Viajo, então, para a orientação buscar. Procuo-a na água, no fogo, na terra e no ar. Em meio a ruídos e trovões que me fazem refletir e concluir: deste mundo profano e tenebroso estou a me despedir! Continuo minha viagem esperando a luz encontrar, em meio ao entrechoque de armas, convidando-me a lutar, digladiar contra os vícios, as paixões, o fanatismo e a ignorância que insistem em me habitar nessa escuridão, porém com prazo para acabar. Enfim, a suavidade da caminhada me convida a esforços envidar, para quem sabe a luz alcançar. Tenho, por fim, a convicção de que a tão desejada luz nascerá da convergência entre valores oferecidos pelo simbolismo da água, do fogo, da terra e do ar. Paulatinamente a luz começa a surgir, e os olhos, a se desvendar, em meio aos Irmãos com espadas a empunhar, imantando-me

num ato sublime de pura emoção, momento em que não resiste o coração, pondo-me a chorar. Quando então me questiono: que força será esta? Quando logo descubro: é a maçonaria pedindo permissão para em minha vida entrar e ser o amálgama que une os maçons para a Arte Real praticar.

Nesse contexto oferecido pelo rito de passagem emerge a enigmática indagação: de que serviria a maçonaria? De que serviria ser maçom? Se não para se autodesbastar e se autolapidar, com força, beleza e sabedoria para o desenvolvimento pessoal e social e a evolução espiritual praticar. No plano individual sou uma gota, no coletivo poderei ser um oceano. Assim, para transformar e mudar, gota a gota poderemos ser capazes de construir o nosso oceano, que começa em mim, em vós, maçom e ser humano.

Portanto, mergulhemos em algumas gotas reflexivas acerca do maçom e da maçonaria ativos e significativos no mundo atual, para quem sabe começarmos a conformar o nosso oceano atitudinal.

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pelo aperfeiçoamento pessoal, tácito e explícito, orientado para a prática social sustentada no bom exemplo, para a evolução espiritual e para a felicidade tão almejada da humanidade?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela integração política e fraterna das três potências, com respeito e reconhecimento mútuo, independentemente das convicções assumidas, da cor do avental, do grau investido e do rito adotado?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela convivência irmanada, harmoniosa, fraternal, solidária e caridosa, envidando esforços para que a lei do interesse coletivo impere sobre a lei do interesse próprio?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela temperança que tempera, controla e pondera as tensões? Pela prudência que avança quando a emoção supera a razão, e que recua no exato momento em que a razão supera a emoção?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela humildade que fortalece a aceitação, pela honestidade que converte a falta de retidão e pela obreiridade que enaltece pelo exemplo a social construção?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela união sincera entre os Irmãos, com justiça para dar a cada um o justo e o devido, amparados pela verdade, que na razão reside, respeitada e criticada por todos?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela convergência em prol da força alicerçada na liberdade e nos bons costumes, impulsionada pela fraternidade oriunda da proficiente e saudável relação entre os maçons?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela fidelidade dos obreiros aos princípios e aos códigos morais instituídos e institucionalizados?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não para desviar a perversidade dos lábios, agindo nem para a direita, nem para a esquerda, senão reto?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não para chegar ao mais profundo de si e construir uma nova consciência eivada de reflexões e atitudes prudentes e temperadas, pois ali, com vontade, inteligência e sabedoria, reside o autêntico maçom?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não para crescer em conhecimento, evoluir em valores e sentimentos fraternos e buscar sempre o mais alto píncaro da sabedoria?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela compreensão de que tudo o que foi criado pelo Grande Arquiteto do Universo é a pró-

pria vida que pulsa dentro de vós, dentro de mim, dentro de nós?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela imperiosa necessidade de deixarmos de ser algozes dos nossos vícios e paixões e sermos paladinos das nossas virtudes?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pelo trabalho pessoal, social e espiritual, pois dele emana a verdadeira luz denominada sabedoria?

De que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom se não pela compreensão de que o maçom é instrumento da maçonaria, e não o contrário?

Então, de que serviria? Para quem serviria?

Ao final desta trilha, espero ter provocado reflexões acerca do nosso papel na condição de maçons, do papel da maçonaria na condição de instituição e das nossas atitudes diante do complexo desafio que é ser maçom e fazer maçonaria.

Sob esse enfoque, de que serviria a maçonaria e de que serviria ser maçom sem maçonaridade, sem obediência aos seus princípios e aos seus propósitos em toda e qualquer dimensão?

Parafraseando o frei Jaime Bettega, o Grande Arquiteto Do Universo em silêncio vos fala, pois sabe que

vós ouvireis o barulho do seu espírito e da sua alma. Diz Ele: o maçom que não se prende a nada tudo possui! A maçonaria se constrói nos dias, do meio-dia à meia-noite, e não nas datas! Os maçons mais fortes estão cheios de cicatrizes! Grandes batalhas são dadas a grandes guerreiros. Portanto, a forte, bela e sábia maçonaria é dada aos grandes maçons. Então, de que serviria? Para quem serviria? Senão pelo eterno propósito da construção do “templo humanamente feliz, socialmente justo e espiritualmente evoluído”.⁶

TRILHA 15

A metáfora do templo

Em caráter preambular à essência desta trilha, cabe aqui compartilhar três razões conceituais que vão permear toda a sua produção: maçonaridade, simbologia e alegoria. O seu objetivo é melhor entender o ser maçom e o fazer maçonaria a partir de cinco movimentos explorados metaforicamente como momentos da construção de um templo.

O termo “maçonaridade”, ratificando, é uma nova terminologia criada pelo autor deste livro e desta trilha. O sufixo “dade” significa “a qualidade de”; portanto, “maçonaridade” significa a qualidade de ser maçom e fazer maçonaria sob a égide do seu código moral e da virtuosidade ética inerente e latente. Ainda nesse compasso, busca-se a compreensão sobre simbologia e alegoria em Goethe, quando o autor afirma que:

o simbolismo transforma os fenômenos visíveis em uma ideia, e a ideia em imagem, mas de tal forma que a ideia continua a agir na imagem, e permanece, contudo, inacessível; e, mesmo se

for expressa em todas as línguas, ela permanece inexprimível. Já a Alegoria transforma os fenômenos visíveis em ideias, ideias em conceitos, conceitos em imagem, de tal maneira que esses conceitos continuem sempre limitados pelas imagens vinculadas, capazes de serem inteiramente apreendidos e possuídos por elas, e inteiramente exprimidos por essas imagens.⁷

Para um melhor entendimento desta trilha, criei a metáfora do templo, que apresenta a edificação do templo social em cinco movimentos: 1. alicerce (o homem moral), 2. colunas (do material ao espiritual orientado pela bússola chamada razão), 3. paredes (liberdade de pensar para combater os vícios e elevar as virtudes), 4. teto (estímulo aos que desejam construir ou reconstruir – empunhando a trolha – e contra os que desejam resistir – empunhando a espada) e 5. portas (o exercício da tolerância com poder persuasivo, inteligência e bondade).

O primeiro movimento: a construção do alicerce

Toda entrega, todo envolvimento e todo comprometimento para com a edificação do forte, belo e sábio alicerce será louvado, fundamento que dá sustentação a tudo o mais que vier. Na maçonaria, esse alicerce en-

contra ressonância no homem moral, no maçom moral. Aquele que desvia a perversidade dos lábios, seguindo nem pela direita, nem pela esquerda, senão RETO.

O maçom moral é aquele que, à luz dos preceitos morais e éticos da Ordem, caminha a passos largos no sentido de cultivar belos hábitos, para que se transformem em belos costumes, haja vista que o hábito se apresenta como um dispositivo individual do caráter, já o costume, como um dispositivo coletivo do caráter. Ou seja, eu tenho o hábito de (...), nós temos o costume de (...).

O segundo movimento: a construção das colunas

Após o alicerce forte, belo e sabiamente construído, será possível levantar as colunas, com a convicção de que o alicerce moral as sustentará. Uma vez edificadas, estarão prontas para traçar o caminho a ser trilhado pelo maçom moral, do material ao espiritual, com base na razão, na razão científica, que por meio de dados, informações, conhecimento e saberes estruturados e sistematizados será capaz de trilhar caminhos consistentes, pavimentados com lisura, nos quais serão encontradas muito menos pedras ásperas e rombudas, excrescências tipo a soberba por parte de quem possui o poder, a degradação dos objetivos da Ordem, abandono e esquecimento dos juramentos prestados,

do desvio de caráter e da indolência. Caminhos que nos guiarão para a edificação de templos à virtude e de masmorras aos vícios.

São essas colunas que adotam a bússola da razão, em detrimento da bússola da emoção, como vital para ver, pensar, refletir e agir na condição de maçom moral no contexto da maçonaria que temos para almejarmos a maçonaria que queremos.

Assim, faz-se necessário e imperativo que nós, maçons morais, tenhamos como primeiro interesse sermos úteis a nós mesmos. Só assim poderemos ser úteis à família, ao trabalho, à maçonaria e à sociedade.

O terceiro movimento: a construção das paredes

Agora passamos à edificação das paredes do templo. São quatro paredes – um quadrilátero assimétrico –, porém, ao mesmo tempo, cada uma delas guardando muitas interconexões e simetrias, o que por si só registra e amplifica uma complexidade que necessita ser explorada, haja vista que cada qual tem a sua face influenciada, virada ou para o Sul, ou para o Norte, ou para o Oriente, ou para o Ocidente.

Em reflexão, perguntemo-nos: o quanto de vícios e virtudes poderíamos ter ou seria aceitável/suportável, em tese, em cada uma das quatro paredes? O quanto

de vícios e virtudes seriam esperados em cada parede? Cada parede reserva em si o tanto necessário de auto-conscientização, sensibilização e automotivação para com a coisa e a causa maçônica? Essas quatro paredes parecem, muitas vezes, viver e conviver em harmonia ou em conflito?

O quarto movimento: a construção do teto

Ao refletirmos sobre o quão complexa é a construção do “templo social”, imaginem reconstruí-lo em razão do desprezo, da despreocupação, do desleixo e do descompromisso para com o que foi construído primeiro. Qualquer processo de reconstrução pode ser muito mais árduo do que a construção seminal. Significa reconquistar o que um dia foi conquistado, mas perdido pela indiferença, desprezado pelo vínculo pueril criado, e isso pode ser doloroso e conflituoso, o que requer maior atenção, vigilância, proteção e tolerância.

Nessa direção, o teto confere o sentimento de proteção em favor dos que estão construindo ou reconstruindo por meio da trolha de fraternidade, inteligência, bondade e tolerância, ao mesmo tempo que combate os resistentes que insistem em impedir a sua reconstrução, por meio da espada apontada para a corrupção, o peculato, a prevaricação, o ódio, os vícios,

a superstição e a ignorância, inimigos perenes, para os quais jamais deveremos baixar a guarda, jamais deixar de empunhar a espada.

O quinto movimento: a construção das portas

Que se abram as portas da tolerância respaldada no poder persuasivo, capaz de convencer sem alienar; na inteligência, capaz de sustentar, na razão, a decisão pela bela escolha convergente; e na bondade, pela simples atitude de fazer o bem sem importar a quem. Que se abram as portas para o exercício da liderança maçônica colaborativa, comportando-nos ora como um “lança-chamas” – quando tiver que convocar, coordenar, ordenar, provocar, instigar, alinhar, cobrar, chamar ao trabalho e iniciar –, ora como um “extintor de incêndio” – quando tiver que acolher, abraçar, amar, abrigar, acalentar, abrandar, apaziguar, confraternizar, fraternizar, unir e iniciar.

Liderança colaborativa maçônica alinhada com a liberdade de pensar, para combater as desigualdades e fraternizar com tolerância, união e perseverança, sem sofismas, mas conscientes do trabalho propositivo, bem-feito desde a primeira vez, conquistado e armazenado com pleno zelo em nosso cofre moral e atitudinal em prol do bem comum.

Que se abram as portas do templo social para a prática da maçonaridade, isto é, qualificando de forma perene o ser maçom e o fazer maçonaria conforme preceituam os nossos *Landmarks* e o nosso código moral.

Então, de que forma seria possível encontrar respostas para tais indagações? Será que, com liberdade para pensar, sustentada na razão, essa possibilidade poderia ser mais precisa, cirúrgica e contemplativa? Quero crer que sim. Afinal, liberdade para pensar produz pensamentos, que, uma vez sustentados na razão, orientarão atos da consciência com forte tendência à legitimação por parte de todos. Essa razão à qual me refiro está, por exemplo, no nosso código moral, nas Instruções, nos *Landmarks*. Esse parece ser o longo caminho curto em detrimento do curto caminho longo.

Portanto, faça-se a luz a todos os maçons em razão da luminosidade necessária e exigida. Ser H2O pode se caracterizar como uma bela estratégia, isto é, ser humilde, honesto e obreiro por meio de uma maçonaria produtora de justiça e equidade. Isso só será possível se ela estiver eivada de maçons justos e equânimes.

TRILHA 16

*Produzir justiça e equidade sucede
ser justo e equânime*

Esta trilha finca âncora na justiça e na equidade como núcleos centrais. Muito mais do que aguardarmos por justiça, necessitamos lançar mão de atitudes justas, pautadas na equidade, para vivermos e convivemos em meio a um clima desejado e esperado de justiça e igualdade.

Em meio aos ensinamentos adquiridos no contexto da maçonaria, a proteção de valores tais como fidelidade, coragem e zelo passa por uma atmosfera de justiça e equidade, a partir do homem justo e equânime. Isto é, ver, ser, viver e conviver de forma justa para combater as desigualdades sociais é requisito essencial na produção de espaços conviviais e sociais permeados de homens que agem de forma justa e equânime.

Nesse compasso, esta trilha surge no sentido de extrair essências capazes de configurar o ser justo e equânime como fundamental para fomentar os valores intrínsecos aqui abordados: fidelidade, coragem e

zelo. Valores que devem ensinar a perene imagem-objetivo do maçom moral para com a autolapidação, a fim de ser justo e equânime para ser e tornar feliz.

A partir de um dos preceitos morais que encontramos na maçonaria, qual seja, o de “lutar incessantemente pelos nossos direitos, acreditando na justiça dos órgãos competentes”⁸, dou início ao processo reflexivo que se mostra inerente a essa luta. Desse modo, pontuo que “lutar incessantemente pelos nossos direitos, acreditando na justiça dos órgãos competentes” requer altas doses de justiça e equidade. Destaco aqui uma das essências dessa luta, a justiça social. Por essa lógica, entende-se que a justiça social é um mecanismo que busca fornecer aquilo a que cada cidadão tem direito: assegurar as liberdades políticas e os direitos básicos, oferecer transparência na esfera pública e privada, bem como oportunidades sociais condicionadas por direitos instituídos e institucionalizados.

Por outro lado, postula-se que praticar a equidade consiste em conferir qualidade ao princípio da igualdade, significa atender de forma desigual os desiguais, de forma diferente os diferentes e, da mesma maneira, atender de forma igual os iguais. Portanto, agir com equidade permite que se ofereça mais para quem precisa de mais, e menos para quem precisa de menos.

Sob esse prisma, agirmos pautados nos valores da justiça e da equidade nos permite, com maior facilidade, produzir justiça e combater as desigualdades sociais. Em

contraponto, se não nos comportamos como maçons investidos perenemente de atitudes justas e equânimes, muito mais difícil seria esse processo no contexto da arte de construir.

Longe de almejar ser conclusiva, esta trilha enseja que, para gozar de plena justiça, não deverei aguardar por ela de maneira passiva, mas sim ser ativamente justo e equânime, por meio de atitudes que ponderem o que é correto, ético e moral, seja no plano individual, no social ou no espiritual.

Por fim, sermos justos e equânimes antes de simplesmente aguardarmos por justiça e equidade nos impõe uma ordem capaz de qualificar cada vez mais o maçom moral e ético na complexa arte de construir. Por isso, produzir justiça com equidade significa, antes mesmo de receber justiça e equidade, agir ativamente para ser justo e equânime. Para isso, requisitos democráticos como o direito de se reunir, falar e saber são essenciais e vitais.

TRILHA 17

Direito de se reunir, falar e saber

Esta trilha tem o objetivo de provocar reflexões ao transitar pelo direito de se reunir, falar e saber, fundamental para indivíduos e coletividades. A partir das reflexões provocadas, o direito ou a liberdade de se reunir, falar e saber se apresenta como fundamento para a consolidação da democracia no mundo e no Brasil, pois se constitui num espaço legítimo para que o sujeito individual ou coletivo possa manifestar livremente seu modo de ver, pensar, refletir e agir em prol do bem moral e ético individual, produzindo reflexos significativos no bem comum, social, plural, material e espiritual. Eis no grifo a ciência e a arte da autolapidação.

Segundo uma determinada lenda, a partir da tomada de Jerusalém pelos romanos, liderados pelo general Tito, que destruiu o templo modificado por Herodes, os israelitas deixam a Judeia, partindo pelo deserto à procura de um lugar em que o respeito aos direitos do homem, entre eles o direito à reunião, fosse uma garantia explícita dos governantes.

Essa decisão do povo israelita pode ser considera-

da um marco seminal para o que vivenciamos em tempos atuais como “liberdade de reunião”, “liberdade de expressão”, liberdade de pensamento” ou “liberdade de opinião”. Afinal, que tipo de impacto a garantia desses direitos ou a sua violação poderia causar na vida do sujeito individual e do sujeito coletivo em tempos atuais?

O pretendido com esta trilha é que as provocações reflexivas, extraídas de um contexto histórico-contemporâneo, em escala mundial e brasileira, possam contribuir para a elevação do nosso pensamento frente à perene necessidade de nos reunirmos, falarmos e sabermos, de forma que seja possível compartilharmos e transformarmos dados em informação, informação em conhecimento e conhecimento em saber e sabedoria, nos dias de hoje, em prol de indivíduos e de uma sociedade mais justos, fortes, belos e sábios.

O direito humano de se reunir, falar e saber é vital. Sem essas três liberdades, tanto o Estado quanto os indivíduos, no plano individual ou no coletivo, serão reféns da corrupção e das desigualdades.⁹

Segundo o Relatório Global de Expressão 2019/2020 (2020, p. 3):

(...) 51% da população mundial vive em países classificados em “crise” – ou seja, com uma pontuação inferior a 20 pontos numa escala de 100, a partir da seguinte métrica: 1 a 19 (em crise); 20 a 39 (altamente restrito); 40 a 59 (restrito); 60 a 79 (pouco restrito); 80 a 100 (aberto). São 3,9 bilhões de pessoas vivendo em contextos em que o direito de saber ou o direito de falar são rotineiramente violados. Países com enormes populações e outros com grande influência, como a China, Índia, Rússia, Turquia, Irã e Bangladesh, para citar apenas alguns, vivem em estado de crise de sua liberdade de expressão. O Brasil ainda não entrou na categoria de crise, mas tem visto um declínio acentuado e acelerado, enquanto países como os Estados Unidos (EUA) estão regredindo e criando ambientes cada vez mais hostis para comunicadores e ativistas.

No Brasil, o artigo 5º da Constituição Cidadã de 1988, em seu inciso XVI, dispõe que: “XVI – todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente”¹⁰

A partir dessa afirmação constitucional, fica evidente a proteção do Estado para com o direito fundamental da livre manifestação do pensamento, bem como a participação ativa das pessoas, em que pesem alguns limites à liberdade de reunião em prol da segurança do restante da sociedade.

Ora, nós somos seres de palavra, livres para nos reunirmos, falarmos e sabermos. E essas liberdades convergem para a criação e o fortalecimento de vínculos e a construção de consensos em prol da tomada de decisão ativa, assertiva e participativa, voltada para o bem comum. Liberdades alicerçadas, por exemplo, sobre sólidos pilares morais e éticos para a promoção da justiça social com equidade.

Em reflexão, por exemplo, no contexto da pandemia de covid-19 as relações entre indivíduos, comunidades e Estados sofreram forte reconfiguração. Desde dezembro de 2019, vimos o mundo se redesenhar de inúmeras formas: as fronteiras aumentaram, a vigilância se intensificou, as etiquetas se consolidaram como compulsórias (respiração, contato, higienização das mãos e distanciamento social), e a movimentação das pessoas foi drasticamente reduzida, afetando principalmente o direito de ir e vir. No início da pandemia, e até mesmo nos dias de hoje, a insuficiência de dados,

informação, conhecimento e saber científico trouxe intensa instabilidade e insegurança ao direito de se reunir, falar e saber. Sem contar as *fake news*, que se instalaram como um “câncer” no contexto da pandemia.

Sob um outro prisma, a imersão perene no trabalho (estudo) na maçonaria também produz significativa reflexão, haja vista que o acúmulo e a produção de conhecimento e de sabedoria para o competente processo de autolapidação exigem de todos e de cada um de nós foco, inspiração e transpiração para praticarmos o direito de nos reunir, falar e saber. Só assim estaremos competentes para discernir e escolher o longo caminho curto em detrimento do curto caminho longo, de maneira que sejamos profícuos e suficientes na ciência e na arte da autolapidação.

Em conclusão, expresso que a proteção à liberdade de se reunir, falar e saber é fundamental para qualquer democracia, pois é um dos espaços mais legítimos para que a expressão da vontade individual e coletiva possa ser manifestada e compartilhada livre e democraticamente. Em convergência, penso que o exercício desses direitos imanta e estimula a conquista de outros direitos, citando, por exemplo, os direitos fundamentais à saúde, à educação e à alimentação, o direito à transparência, o direito às liberdades políticas, entre outros.

Por fim, em resposta à questão formulada no início desta trilha, ousou responder inferindo que a violação do direito de se reunir, falar e saber se apresenta como forte ameaça ao pleno progresso da democracia e da maçonaria. Por outro lado, quando respeitado e praticado, dá vazão para que o maçom e a maçonaria possam usinar sua virtuosidade a serviço da autolapidação e da construção social.

TRILHA 18

Maçonaria, uma usina nuclear de virtudes

Muitas são as reflexões geradas no contexto da senda maçônica. Nesta trilha, entram em processo de usinagem cinco reflexões sobre a virtuosidade maçônica.

A primeira reflexão me leva a ponderar que uma vida maçônica, individual ou coletiva, sem amor, esperança, fé e caridade é uma vida mergulhada nas trevas, no caos humano e maçônico, pois nesse caso não passo de um errante, sem energia ética e moral, impregnado de vícios, excrescências e asperezas capazes de me aniquilar e me tornar incapaz de ser e de tornar feliz. Por outro lado, fomento o pensamento de que sempre haverá a esperança da existência da ordem no âmbito do caos.

A segunda reflexão me permite inferir que os meus vícios, as minhas excrescências e as minhas asperezas sempre haverão de fomentar o mundo das trevas e do caos. Portanto, necessito me desvencilhar, sobre-

viver, ficar livre dessas amarras, dessas correntes que depõem contra a digna vida humana e maçônica. Até que eu consiga me livrar, cultivarei esse suplício, materializado em tormento, sofrimento e calvário físico e moral, sempre que necessário for, aprendendo todos os dias, de forma ilimitada e perene, apoiando-me na razão oferecida pelo conhecimento explícito, e não exclusivamente na emoção, de maneira que eu possa migrar de um plano tenebroso para um plano sereno. Razão com emoção nos permite avançar e crescer para o plano astral desejado! Emoção sem razão nos faz recuar e retroceder, ficando âncora no plano astral indesejado.

A terceira reflexão apraz-me sensivelmente, pois a oportunidade de acessar e de receber a luz sempre que me for oferecida, orientada pela eterna esperança de praticar o amor investido de fé e caridade, é uma dádiva incontestável. Amor que se multiplica na divisão; fé que alimenta e reafirma a minha convicção de que, sendo solidário, caridoso e fraterno, serei humano, imerso na eterna jornada em busca da perfeição e, principalmente, um maçom com identidade moral e ética de longo alcance e alto impacto.

A quarta reflexão me leva a crer que posso sofrer soluções de continuidade (lacunas) na fé, na carida-

de e no amor, porém jamais na esperança, pois é ela a alavanca que estimula e impulsiona o ser humano e o ser maçom resiliente a nunca desistir do seu propósito central, do seu objetivo maior, que se materializa no ser feliz para tornar feliz.

A quinta reflexão me remete ao título desta trilha. A maçonaria, a partir dos seus princípios morais e éticos, se apresenta como uma usina nuclear de virtudes. É usina por meio do processamento de ideias que se transformam em conceitos, de conceitos que se transformam em teorias, de teorias que nos levam a buscar dados para produzir informações (rituais e Instruções), informações que transformamos em conhecimento (saber filosófico agregado) e conhecimento que convertemos em sabedoria por meio de atitudes virtuosas, isto é, o saber aplicado e legitimado coletivamente pela maçonaria, com alto impacto social e humanitário. É nuclear porque concentra, na sua essência, dois dos seus principais átomos: os preceitos morais e os preceitos éticos universais que sustentam a maçonaria, com alta densidade energética, capaz de energizar conhecimentos, saberes, fazeres e atitudes convergentes com a felicidade individual, coletiva e humana. Atitudes essas alicerçadas na esperança, na fé e na caridade, materializadas por meio de virtudes amalgamadas

pela força da energia que emana do amor altruísta e incondicional.

Nesse movimento, tenho a convicção de que eu, na condição de maçom virtuoso, sou aquele que percorre o longo caminho curto em detrimento do curto caminho longo, pavimentando minhas atitudes com amor, de forma altruísta e incondicional, atitudes orientadas pela razão, pela fé e pela caridade, sem jamais perder a esperança na união e na felicidade da família, dos amigos, dos maçons, dos vulneráveis sociais e da humanidade diante de qualquer situação contingencial que possa ou queira fazer esmorecer.

Possuidor dessa capacidade racional maçônica, penso estar minimamente preparado, digamos assim, para agir como um pontífice no dia a dia, desatando nós e implodindo muros, para atar laços e construir pontes.

TRILHA 19

Maçom: pontífice do dia a dia

Ser movido pela razão *pari passu* com a observação, no contexto da ciência, nos permite, segundo Platão *apud* Goethe¹¹ no plano filosófico, “possuir ou adquirir conceitos que sejam ao mesmo tempo os mais válidos e os mais amplos possíveis” a serem aplicados em benefício do homem e da humanidade. Ao mesmo tempo, a filosofia, à luz de Sócrates *apud* Goethe¹² permite “um olhar para dentro de si e uma forma de extrair as ideias verdadeiras sobre aquilo que o próprio ser humano desenvolveu, desenvolve ou pretende desenvolver”.

Nesse compasso, ver, pensar, refletir e agir de forma consciente como um maçom pontífice exige, num primeiro plano, atitudes alicerçadas na razão, à luz de alguns atributos da competência, de maneira que nos seja permitido melhor utilizar a inteligência, com sabedoria, para identificar e implodir muros, passando a investir na construção de pontes, sob a égide de verdades legitimadas, densas e consistentes.

As atitudes de um maçom pontífice, por sua vez, quando da construção de cada ponte, estarão ancora-

das em pensamentos e na consciência. O pensamento, quando exercitado, poderá se vincular ao passado ou ao futuro, ao passo que a consciência existe apenas no estado presente. Portanto, a construção de pontes faz uso de pensamentos capazes de fortalecer, decorar e orientar as atitudes conscientes, decisões tomadas aqui e agora, com a habilidade de conferir forma e movimento à ponte que queremos construir.

O conhecimento explícito nos dá conta de que o termo “pontífice” é de origem latina e quer dizer “construtor de pontes”. Consta que Horácio Cocles, para interceptar o exército persa, que estava para invadir Roma pela ponte que conduzia à cidade, resolveu se contrapor ao inimigo na cabeceira de uma segunda ponte, ganhando tempo enquanto seus soldados destruíam a outra. A ponte ruiu, e todos os inimigos caíram no rio Tibre, tendo Horácio se sacrificado pelos seus companheiros e por Roma. Para comemorar o seu feito, seus companheiros criaram um time de defesa e conservação de pontes em Roma, denominando-se pontífices, cujo chefe era o Sumo Pontífice.

Ao vincular esse conhecimento à primeira pessoa, compartilho que os saberes e as práticas que construí ao longo da minha vida profana e maçônica me levam a refletir que toda e qualquer verdade, antes de ser

adotada, disseminada e praticada, precisa ser legitimada em primeiro lugar pela razão, e não pela emoção; ao mesmo tempo, necessita estar alinhada com a moral maçônica instituída e institucionalizada. Uma dessas verdades me diz que o maçom, na senda contínua e permanente da autolapidação e da construção social, para ser e tornar feliz a humanidade, necessita ser um implodidor de muros e um construtor de pontes, porém de forma sábia, inteligente e competente.

Isto é, fazer uso da minha competência para ver, pensar, refletir e agir como um maçom pontífice no dia a dia encontra guarida em três atributos da competência, quais sejam: a competência cognitiva para saber, por meio do acesso à informação, do trabalho (estudo), da agregação e do acúmulo do conhecimento; a competência tecnológica para saber fazer bem-feito desde a primeira vez, diante dos métodos, das técnicas, dos instrumentos, das joias e das ferramentas que me são colocados à disposição; e a competência comportamental para saber ser, viver, conviver, se relacionar e se inter-relacionar com alteridade, empatia e acolhimento.

De posse dessa competência, penso que eu possa estar minimamente autoconsciente, sensível e auto-motivado para agir como um implodidor de muros e

um construtor de pontes, pois fica mais fácil saber o que, como e onde fazer; acreditar nos resultados advindos do que eu possa fazer; e possuir motivos suficientes para ver, pensar, refletir e agir como um maçom pontífice, desejoso de:

- Implodir o muro da hipocrisia e construir a ponte da coerência, de maneira que o meu saber e a minha fala sejam orientadores da minha prática; afinal, a teoria que me conduz para determinada prática não pode permitir que na prática a teoria seja outra.
- Implodir o muro do egoísmo e do egocentrismo e construir a ponte da alteridade, a ponto de me permitir reconhecer o outro como um ser diferente, capaz de ver, pensar, refletir e agir diferentemente de mim, haja vista que somos únicos apenas como espécie.
- Implodir o muro da indiferença e do desprezo e construir a ponte da empatia, em que eu aprendo a me colocar no lugar do outro, respeitando suas crenças, seus princípios e suas verdades.
- Implodir o muro da ignorância e construir a ponte da oportunidade e do acesso à informação e ao saber, de maneira que eu possa qualificar o meu conhecer, o meu fazer e o meu ser.
- Implodir o muro do fanatismo e construir a ponte da tolerância, para que eu tenha pleno discernimento sobre os meus limites, indo nem tão depressa que pareça fuga, nem tão devagar que pareça provocação.

- Implodir o muro da perversidade dos lábios e construir a ponte da retidão, de maneira que eu possa ir nem pela direita, nem pela esquerda, senão reto.
- Implodir o muro da vaidade e construir a ponte da humildade, pois, acompanhando Lucas (18:9-14)¹³, “todo aquele que se exalta será humilhado, e todo aquele que é humilde será exaltado”.
- Implodir o muro da indignidade e construir a ponte da dignidade, pois ser um maçom digno é ser um maçom em essência intelectual, moral e espiritual.
- Implodir o muro da iniquidade e construir a ponte da equidade, de forma que eu possa contribuir para combater as desigualdades sociais ao oferecer mais para quem precisa de mais.
- Implodir o muro do excesso descomedido e construir a ponte da temperança, de maneira que as relações humanas possam ser devidamente temperadas na medida certa, conferindo congruência.
- Implodir o muro da “farinha pouca, meu pirão primeiro” e construir a ponte da colaboratividade, de maneira que eu possa melhor servir, viver e conviver com o outro, para o outro, pelo outro, sobre o outro, entre si e comigo mesmo.
- Implodir o muro do ódio e do rancor e construir a ponte do amor, pois é ele, o amor, o trampolim para que eu alcance o píncaro da paz e da felicidade para uma autolapidação exitosa.
- Implodir o muro do desalento e construir a ponte da esperança, pois tudo pode faltar na minha vida de ma-

ção, menos a esperança, que me movimenta na direção da felicidade humana.

- Implodir o muro da incredulidade e do ceticismo e construir a ponte da fé, essa força que me faz bradar todos os dias: “Quando eu quero e eu posso, tudo haverá de conspirar a favor da contemplação da verdade”.
- Implodir o muro do autoritarismo e construir a ponte da liderança, que me permite ser ora um lança-chamas para inflamar o bem-estar comum, ora um extintor de incêndio para apagar o fogo e as labaredas da vaidade, que muitas vezes não param de ganhar altura.
- Implodir o muro da antiética e da imoralidade e construir a ponte do QPD, sempre consciente de que, na vida maçônica e profana, nem tudo que eu quero eu posso, nem tudo que eu posso eu devo, nem tudo que eu devo eu posso, nem tudo que eu posso eu quero.
- Por fim, sem esgotar as possibilidades, devo implodir o muro da passividade e construir a ponte da solidariedade fraterna, pois nela reside o meu mantra de todos os dias: “Senhor, me ajude a não me esquecer de ajudar!”.

Sem sombra de dúvida, esta trilha me permitiu um profundo exame introspectivo crivado de muitas reflexões. As atitudes virtuosas de implodir muros e construir pontes habitam o meu, e creio, o seu, o nosso

dia a dia, haja vista a quantidade gigantesca de muros e a necessidade da construção de pontes com a qual nos deparamos em todos os dias da minha, da sua, das nossas vidas.

Sob esse prisma, ser um maçom pontífice, em meio à complexidade que envolve a implosão de muros e a construção de pontes, é desafiador e gratificante ao mesmo tempo. Desafiador em razão das nuances que necessito antever, prever e contemplar para o êxito de cada muro a ser implodido e de cada ponte a ser construída. Por outro lado, é gratificante porque, sempre que houver êxito em cada muro implodido ou ponte construída, será bem possível que o meu processo de autolapidação possa estar no caminho certo, contribuindo para que os reflexos no meu bem-estar e na minha felicidade possam se somar ao bem-estar comum e à felicidade humana.

Por fim, para ser um pontífice do dia a dia, além de fincar âncora sobre a razão, faz-se necessário que sejamos competentes a ponto de construir a ponte certa para cada muro implodido. Com esse enfoque, a adoção de determinadas competências empreendedoras, com liberdade necessária para pensar, pode se apresentar como uma oportunidade de longo alcance e alto impacto.

TRILHA 20

Razão e competências empreendedoras para a liberdade de ensino e de pensamento

Nesta trilha, postulo que ponderar sobre liberdade de ensino e de pensamento significa, antes de qualquer pensamento ou ato consciente, explorar a autonomia (governabilidade) do sujeito individual e do sujeito coletivo, possuidor do poder transformador e emancipador inerente, a partir da educação e do livre pensar. Premissa essa que nos permite adotar a educação como ciência e lutar para que ela habite, por exemplo, as agendas de políticos e autoridades, não apenas em momentos de campanha política, mas no curso de qualquer governo, fazendo valer a educação e o livre pensar como políticas de Estado, em vez de apenas como históricos e pífios programas de governo.

Sabemos que, no âmbito da maçonaria, a educação com ciência está registrada na nossa consciência moral, chamada razão, nos nossos corações e na nossa agenda, mas não na consciência moral, nos corações e nas agendas de outros tantos. Por que será que es-

quecem tão rápido? Por que lhes falta agenda? Por que lhes falta coração? Ou por que lhes falta atitude?

Ao transitar pelos conceitos de liberdade, educação, autonomia e empreendedorismo comportamental, esta trilha tem o objetivo de produzir reflexões sobre dez atitudes empreendedoras para qualificar ainda mais os nossos pensamentos e a nossa consciência maçônica acerca da liberdade de ensino e de pensamento.

O resultado esperado encontrará eco nas reflexões produzidas por todos e por cada maçom, de maneira que possamos continuar a nossa senda perene de demolidores de muros e construtores de pontes, agora no contexto da liberdade de ensino e de pensamento de forma empreendedora, a partir dos nossos comportamentos cotidianos.

A melhor maneira de conceber e exercer a liberdade reside no exercício do pensamento reflexivo, haja vista que funciona melhor do que outras teorias que promovem a liberdade como valor educativo.¹⁴ Assim, a verdadeira liberdade é a intelectual, que consiste na capacidade do indivíduo de se orientar para um objetivo, a partir de meios adequados, a ponto de prever as consequências de seus atos, buscando os recursos materiais necessários para realizá-los.¹⁵

Sob esse prisma, “liberdade é o poder de agir e executar independentemente de tutela exterior”¹⁶, livre das amarras impregnadas pelas malhas da alienação.

Em analogia a Kant¹⁷, é possível afirmar que o homem, e por consequência o maçom, é a única criatura que precisa ser educada; e que o homem, e por extensão o maçom, não pode se tornar um verdadeiro homem/maçom senão pela educação, pois ele é aquilo que a educação faz dele.

Isto é, não nascemos prontos, muito menos nasce pronta nossa razão. Daí decorre a seguinte reflexão: não é pelo fato de o homem/maçom ser dotado de razão que ele já é moral.¹⁸ A razão, ao contrário dos instintos, necessita ser educada, conformada, polida, legitimada e exercitada. A educação é um processo de disciplina que produz o efeito positivo de acostumar o ser humano/maçom a obedecer às leis, às regras, ou seja, à moral, além de formar hábitos e costumes, sendo o hábito um dispositivo individual do caráter, e o costume um dispositivo coletivo do caráter. Dessa forma, a educação faz o homem/maçom submeter-se às prescrições da razão.

Segundo Romanelli¹⁹, o termo “educação” é originário do latim “*educare*” ou “*educere*”, que significa “conduzir para fora” ou “trazer à luz a ideia”. O termo apre-

senta uma visão de preparar as pessoas para o mundo, para viver em sociedade e para aprender a conviver e a respeitar as diferenças existentes no mundo.

Se juntarmos Immanuel Kant e Paulo Freire, é possível enxergar uma aposta esperançosa na humanidade.²⁰ ***Aposta no potencial humano/maçônico de fazer-se melhor para construir um mundo melhor*** (grifo meu). O requisito para que isso aconteça está em refletir sobre as possibilidades e as concepções da educação para a autonomia do sujeito, emancipadora e transformadora. Isto é, uma educação capaz de se adaptar e superar as heteronomias existentes.

Etimologicamente, “autonomia” significa o poder de conferir a si próprio a própria lei – “*autós*” (por si mesmo) e “*nomos*” (lei). Não se entende esse poder como algo absoluto e ilimitado, também não se entende como sinônimo de autossuficiência. Indica uma esfera particular cuja existência é garantida dentro dos próprios limites que a distinguem do poder dos outros e do poder em geral, mas, apesar de ser distinta, não é incompatível com as outras leis.²¹

A educação é a mola mestra para o progresso histórico e o desenvolvimento humano e social. Somente ela pode estabelecer um plano coletivo da evolução humana, o progresso universal. Para empreender a

partir da educação, com liberdade de pensamento e autonomia, é imprescindível um pensar e um agir universal, o que só é possível devido aos princípios a priori determinantes da universalidade.

“Empreendedorismo” deriva do termo francês “*entrepreneur (euse)*”, que, por sua vez, deriva do termo latino “*imprehendere*” ou “*prehendere*”, sendo que, na língua portuguesa, o termo apresenta-se como “empreender” ou “aquele que empreende”.

Empreender nada mais é do que agir com iniciativa, criticidade e criatividade para inventar, reinventar e inovar. Quando a minha invenção não é legitimada socialmente, não passa de uma invenção; agora, quando existe a legitimação social requerida, aí temos uma inovação.

Já a competência empreendedora comportamental consiste em lançar mão de atitudes sustentadas pelos atributos das competências cognitiva e tecnológica, mas principalmente da competência comportamental.

Em síntese, empreender de forma competente significa enxergar o óbvio antes dos outros, e o óbvio sempre estará diante dos nossos próprios olhos.

No contexto desse alicerce teórico-conceitual, apresento a narrativa crítico-reflexiva de uma educa-

ção sustentada no empreendedorismo comportamental, a partir de atitudes humanas e maçônicas amparadas na liberdade autônoma e emancipadora de educar e pensar.

Quadro 1 – Atitudes empreendedoras para a liberdade de ensino e de pensamento.

Atitude empreendedora comportamental para a educação e o livre pensar	Narrativa crítico-reflexiva
Estabelecer metas	Nós, maçons, na condição de educandos e educadores, precisamos manter o foco qualificado no processo de educar que pretendemos, sem permitir que fuja do nosso radar o livre pensar e a autonomia emancipadora e transformadora. Para isso, necessitamos quantificar o que queremos alcançar ao final do processo, ou seja, faz-se necessário estabelecer metas exequíveis e viáveis.
Buscar informações	Eu, vós, nós, no âmbito do processo pretendido, precisamos ser garimpeiros competentes de dados, para então transformarmos em informações e, por conseguinte, em conhecimento, que uma vez aplicado e legitimado se transformará em saber e sabedoria.

Continua

Planejar e monitorar de forma sistêmica	Eu, vós, nós devemos percorrer o longo caminho curto em detrimento do curto caminho longo. Praticar o pensamento sistêmico, holográfico, sobre a teia que abriga a complexidade inerente ao processo de educar e pensar com liberdade no contexto da maçonaria.
Ser persistente	O processo muitas vezes é árduo, com caminhos tortuosos, sem pavimentação adequada, o que exige de todos e de cada um de nós a firme perseverança para não desistirmos jamais dos nossos propósitos.
Ser envolvido e comprometido	Participar ativamente e assumir responsabilidades é a ordem do dia! Para isso, precisamos nos entregar, mergulhar de cabeça, vestir a camisa, arregaçar as mangas, colocar a mão na massa, ser cérebro de obra e nos doarmos com participação ativa e responsabilidade significativa.
Buscar oportunidades de iniciativa	Devemos ser e compor um radar moral, ético e estético para enxergar o óbvio antes dos outros e garimpar iniciativas belas, criativas, de alto impacto.
Exigir qualidade e eficiência	A melhoria contínua é sempre bem-vinda em qualquer processo de educação, em razão da sua complexidade. Para isso é preciso manter e melhorar, manter e melhorar, manter e melhorar. Assim, conseguimos conferir ótimas práticas de produção do conhecimento, ou seja, com eficiência.

Corra riscos calculados	Disse Steve Jobs: “Cheguei aonde cheguei porque errei muito”. Isto é, utilize-mos os erros como discrepâncias, e não como problemas. Discrepâncias são trampolins para alcançarmos estados futuros desejados com aprendizado, eficiência, eficácia e efetividade.
Persuasão e rede de contatos	Fazer uso da minha, da sua, da nossa autoridade carismática a partir da competência cognitiva (conhecimento acumulado para saber pensar) e da competência tecnológica (para saber fazer bem-feito desde a primeira vez). Para sensibilizar e convencer, construa networks e pratique a colaboratividade entre todos (em que medida as práticas de uns podem qualificar as práticas de outros?). Seja um maçom de palavra, pulção, relação e inter-relação.
Aja com independência e autoconfiança	Seja livre para agir com independência, sem as amarras da alienação, faça uso da fé: creia primeiro em si para depois crer nos outros. Aja com governabilidade (autonomia) bradando para si e para os outros: “Eu quero! Eu posso! Eu faço!”. E depois transforme o “eu quero” em “nós queremos”, o “eu posso” em “nós podemos”, o “eu faço” em “nós fazemos”.

Fonte: Adaptado de Borges (2022).²²

A liberdade de educar e pensar, orientada por essas atitudes empreendedoras comportamentais no contexto da maçonaria, pode assumir contornos significativos, por exemplo, quando da aplicação das Instruções, das iniciações e da transmissão de graus, entre outros.

Esta trilha, alicerçada na razão, apresenta algumas reflexões acerca da liberdade de ensino e de pensamento, reflexões apoiadas por competências empreendedoras comportamentais. No contexto de cada uma das dez competências comportamentais adotadas e abordadas, foram produzidas narrativas crítico-reflexivas.

Em conclusão, longe de querer ser conclusivo, infiro que a liberdade para educar e pensar no Brasil é política de Estado, e não de governo; que a educação no contexto da maçonaria ou fora dela deve ser ativa e significativa, ou seja, o aluno/educando/homem/maçom eterno aprendiz é o protagonista, ator principal, e o conhecimento produzido, conduzido pelo educador, precisa fazer sentido na vida do educando de forma autônoma, emancipadora, transformadora e não alienada.

Quando esse livre educar e pensar recebe o apoio do empreendedorismo comportamental, o processo

parece assumir contornos operacionais mais palpáveis à luz metodológica, capaz de gerar inclusão e responsabilidade social com alcance e impacto significativos.

Por fim, a liberdade de ensino e de pensamento de forma empreendedora se apresenta, a meu ver, como uma ótima trilha para construir consensos e fortalecer vínculos no complexo contexto da maçonaria. Afinal, no âmbito da liberdade de ensino e de pensamento, alicerçada por atitudes empreendedoras, mais importante do que saber quanto conhecimento eu acumulo ou quantos pensamentos eu produzo é saber o quanto eu estou aprendendo a aprender.

E, quando esse aprender a aprender obedece à lei do interesse coletivo em detrimento da lei do interesse individual, um passo largo em prol do autoaperfeiçoamento com qualidade maçônica é dado.

TRILHA 21

*Interesse individual acima do
interesse coletivo. Assim o meu
autoaperfeiçoamento não avança!
Como avançar então?*

O exercício da consciência crítica sugerido nesta trilha indica que um dos mais importantes entendimentos acerca da relação entre interesse individual e interesse coletivo é que o interesse coletivo não se traduz pela soma dos interesses individuais, ou seja, o todo será sempre mais importante do que a soma das partes, haja vista que o interesse coletivo transcende o conjunto de interesses individuais.

O comum não é a soma dos singulares, não é aquilo que muitos querem e podem ter individualmente: muita gente pode ter automóveis, muita gente pode ter casas, muita gente pode ter qualquer coisa, mas o fato de muitos, a maioria ou talvez todos terem certas coisas não as transforma em coisas comuns. Muitos

podem tê-las apenas de forma paralela, uns ao lado dos outros. Isso não é comum.

A saúde pública, por exemplo, direito mencionado na Constituição brasileira²³, não pode ser o direito de cada um cuidar particularmente da sua saúde. O que está em jogo ali é o direito de todos, simultaneamente, a um ambiente hígido e salubre e a um sistema universal, equânime e integral de qualidade, capaz de produzir saúde no contexto epidemiológico, seja no plano clínico, seja no plano social. Por isso, a saúde, nesses termos, é um bem comum, que obedece à lei do interesse coletivo, o que o tratamento particular de cada um não pode ser. Na base da ideia de direito a um bem comum está a diferença entre um “interesse” – que pode ser atribuído a alguém e satisfeito concedendo-se alguma coisa a esse particular – e o interesse público, que consiste exatamente na produção de manutenção desses bens comuns, como a saúde, a paz, a cultura, a educação, a alimentação e o respeito recíproco. “Nada é mais perigoso do que a influência dos interesses privados nos negócios públicos: o abuso da lei pelo governo é mal menor do que a corrupção do legislador, consequência infalível dos desígnios particulares.”²⁴

O propósito desta trilha é tentar encontrar respostas para a pergunta que estruturo: como avançar no

processo de autoaperfeiçoamento em meio aos conflitos com os quais nos deparamos diante da relação entre interesse individual e interesse coletivo?

Entendo que um belo começo de trilha reflexiva, a ponto de não permitir que os meus interesses individuais firam os interesses coletivos, seja realizar um exame introspectivo e me perguntar: diante de cada interesse individual que possuo, o quanto eles estão contaminados por doses maiores ou menores de egoísmo, ambição nefasta, soberba e deslealdade? A partir desse diagnóstico, será possível ao menos perceber a potencialidade do risco que estou assumindo de macular o interesse coletivo ao buscar determinado interesse individual. Por exemplo, eu, na condição de conselheiro municipal de saúde, instância de controle social em saúde, não devo e não posso querer apoiar qualquer deliberação que defenda exclusivamente os interesses de um ou de uns poucos munícipes, mas sim defender os interesses da população do meu município como um todo. Riscos esses que transitam ou pelo egoísmo, ou pela ambição nefasta, ou pela soberba, ou pela deslealdade.

Nesse descompasso, sou **egoísta** quando demonstro falta de sentimentos altruístas, quando me considero dotado de qualidades superiores às dos demais, sem modéstia, pretensioso e vaidoso. Quando me pre-

ocupo de forma excessiva com as próprias vantagens à custa das dos outros. Atitude maquiavelista que manipula e se mostra insensível, investindo na crença de que os fins justificam os meios. Com desconexão moral, quando assumo um estilo de processamento cognitivo que permita que eu me comporte sem ética e sem sentir angústia.

Enfim, sou egoísta quando tudo se refere a mim e aos meus interesses. Daí para o orgulho basta um pequeno passo, pois fomento o meu orgulho quando começo a formar um conceito altamente elevado sobre mim próprio.

Pretendendo estar em compasso, sou **ambicioso na sua concepção saudável**, quando me sinto impulsionado para seguir em frente, perseverando, ansiando por algo melhor em minha vida pessoal, familiar, social, espiritual e maçônica, com parcimônia e respeito aos meus limites e aos dos outros. Vejam, esse tipo de ambição é saudável. Por exemplo, fomentar a ambição saudável para fazer novos progressos na maçonaria. Agora, entro em descompasso quando pratico a **ambição nefasta** sempre que proclamo: “Terei o que quero custe o que custar, doa a quem doer!”. Essa ambição nefasta ou egoísta implica uma sede insaciável de poder, de querer, passando por cima de quem tiver que passar, com o simples propósito de alcançar o seu de-

sejo, mesmo que fira os desejos do Grande Arquiteto do Universo, de outros Irmãos, Cunhadas, Sobrinhos, entre outras pessoas.

Continuando em descompasso, sou **soberbo** quando permito que o meu orgulho transborde em favor dos meus interesses próprios, ou seja, a soberba nada mais é do que a manifestação exacerbada do orgulho, da pretensão, da superioridade, da arrogância e da autoconfiança sobre outras pessoas. Diante do que eu quero eu me elevo, ponho-me presunçoso e imprimo minha marca contaminada de orgulho para obter o que for necessário, estando ou não ao meu alcance. Do latim "*superbĭa*", a soberba pode ser entendida como o apetite desmedido de ser preferido em relação a outros. O conceito pode ser associado à altivez, à vaidade, à presunção e à petulância, em que tudo que eu desejar deverá se posicionar no meu entorno. Materializa-se na excessiva contemplação de mim próprio.

Por fim, sem sair do descompasso, sou **desleal** quando demonstro e pratico a falta de lealdade, quando pratico a falsidade, a perfídia, a traição ou a infidelidade para com outras pessoas. Sou desleal quando desrespeito os critérios de honra e nobreza.

Em reflexão, compartilho que a lei do interesse próprio tem como dispositivos o egoísmo, a ambição nefasta, a soberba e a deslealdade. Como avançar, en-

tão, de maneira que a lei do interesse próprio não invada ou agrida a lei do interesse coletivo?

Penso que praticar a alteridade e o acolhimento seja uma ótima estratégia. Alteridade no sentido de em cada outro enxergar alguém com a capacidade de ver, pensar, agir e ser diferente de mim. “*Alter*” significa “o outro”. Em continuidade, devo praticar o acolhimento, no sentido de aprender a me colocar no lugar do outro, respeitando suas crenças e seus valores (princípios). Significa saber dizer, pois muitos dizem, mas não falam; saber ouvir, pois muitos ouvem, mas não escutam; saber olhar, pois muitos olham, mas não enxergam; saber tocar, pois muitos tocam, mas não sentem; saber interpretar, pois muitos interpretam, mas não percebem.

Nessa direção, faz-se necessário investir no diálogo franco, transparente, respeitoso; dar importância às opiniões dos outros na medida certa; tentar entender e compreender o outro em cada momento no qual ele se insere; cuidar de si próprio no plano físico, mental, cognitivo, tecnológico e comportamental; e perdoar com sinceridade.

Esse talvez seja o longo caminho curto para avançarmos no processo de autoaperfeiçoamento em meio aos conflitos com os quais nos deparamos diante da

relação entre interesse individual e interesse coletivo, de maneira que o interesse individual jamais assole o coletivo.

Ao finalizar, infiro que as reflexões produzidas nesta trilha nos permitem ir do descompasso egoísta, ambicioso, soberbo e desleal ao compasso de alteridade e acolhida, de maneira que os interesses individuais não maculem, assolem ou destruam os interesses coletivos, sempre, invariavelmente, destinados ao bem comum. Que sejamos fiscais de nós mesmos, desejando, na medida dos nossos esforços, percorrer mais uma vez o longo caminho curto, uma vez que esse perene exercício crítico e consciente será capaz de nos elevar ao píncaro do interesse coletivo, em detrimento do interesse individual. O desafio para qualificar cada vez mais o nosso autoaperfeiçoamento em meio a simetrias e sinapses está lançado!

TRILHA 22

Simetrias e sinapses

Caros leitores, estamos chegando ao final das 22 trilhas reflexivas realizadas, incluindo esta. Espero que, ao final de cada uma delas e de todas, no seu contexto sistêmico inter-relacionado, cada leitor tenha encontrado a oportunidade de exercitar sua consciência crítica acerca da própria inserção no contexto da maçonaria, em busca do autoaperfeiçoamento.

Penso que cada caminho trilhado possui pitadas de simetrias e sinapses convergentes com a essência a ser explorada em reflexão e, na medida do possível, aprendida, apreendida e, quiçá, praticada. Entre elas, destaco a razão e a arte de ser maçom e fazer maçonaria com qualidade, isto é, a razão e a arte para fazer maçonaridade.

Os pontos simétricos podem ser encontrados, por exemplo, na simetria ética abordada em cada trilha, haja vista o amparo uniforme da moral maçônica para cada uma delas. Ou seja, maçom voltado para maçom, maçonaria voltada para maçonaria, rotacionados ou transladados, coadunando, pactuando, construindo e

compartilhando práticas legitimadas pela moral maçônica na sua plenitude.

As sinapses, por sua vez, podem ser percebidas na relação convergente entre as 22 trilhas, pois existe simbiose entre elas, na medida em que cada uma se vincula com todas as demais de forma direta ou indireta. Isso permite o fomento lógico das reflexões, tendo em vista que elas são complementares, e não excludentes.

A razão científica nos diz que nas sinapses os impulsos nervosos devem passar de uma célula (neurônio) à outra célula nervosa ou às células efectoras (músculos, glândulas e órgãos), para que ocorra uma resposta a um determinado sinal.

Nesse impulso sináptico desejado, vislumbro cada maçom pensando e praticando sua autolapidação voltada para o autoaperfeiçoamento e ao mesmo tempo compartilhando atitudes maçônica e socialmente legitimadas, provocando respostas positivas, crivadas de intencionalidade para com a felicidade da humanidade.

Entre simetrias e sinapses, cada leitor é convidado a explorar e construir suas próprias simetrias e sinapses ao assumir seu protagonismo no contexto de cada trilha realizada, independentemente da ordem de acesso, além, quem sabe, de encontrar sentido de vida para

o meu, o seu “eu” pessoal, familiar, social, espiritual e maçônico, a partir das simetrias e sinapses identificadas, confirmadas, adotadas ou ressignificadas.

Com base nas simetrias e sinapses que decoram o meu, o seu, o nosso aprender a aprender, sempre busco inspiração em Leonardo da Vinci, que escreveu: “Um dia que eu não aprendo é um dia não vivido”. E assim, revestido pelo manto da gratidão pelo compartilhamento dessas trilhas comigo, a todos e a cada um rogo ao Grande Arquiteto do Universo que nos proteja, nos ilumine, nos guarde e nos ajude a não nos esquecermos de aprender e de ajudar. Até o próximo!

Referências

LIMA, W. C. de; CONCEIÇÃO, E. N. da. **Dueto sobre sabedoria, força e beleza (ensaios)**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. 200 p.

PRESTES, N. M. H. A educação, a razão e a autonomia. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 7, n. 13, p. 61-70, jan./jun. 1993.

RITUAL do Gr.: 15 – Cav.: do Or.: da Esp.: e da Águia. Sup.: Cons.: do Gr.: 33 do R.: E.: A.: A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. Segunda Série GGr.: Históricos e Capitulares. Aprovado e adotado em 1925. Rio de Janeiro: Edição do Supremo Conselho do Grau 33 REAA, 2001.

RITUAL do Gr.: 17 – Cav.: do Or.: e do Oc.:. Sup.: Cons.: do Gr.: 33 do R.: E.: A.: A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. Segunda Série GGr.: Históricos e Capitulares. Aprovado e adotado em 1925. Rio de Janeiro: Edição do Supremo Conselho do Grau 33 REAA, 2001.

RITUAL do Gr.: 20 - S.: Princ.: da Maçonaria ou M.: Ad Vitam. Sup.: Cons.: do Gr.: 33 do R.: E.: A.: A.: da Maçonaria para a República Federativa do Brasil. Segunda Série GGr.: Históricos e Capitulares. Aprovado e adotado em 1925. Rio de Janeiro: Edição do Supremo Conselho do Grau 33 REAA, 2010.

¹ DEMING, W. E. **Qualidade**: a revolução da administração. São Paulo: Ed. Marcos Saraiva, 1990.

² BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

³ CHOPRA, D. Sete mitos sobre meditação por Deepak Chopra. Tradução de Danilo Duarte. **Inspira Treinamentos**, [S. l.], [2022]. Disponível em: <http://www.inspiratreinamentos.com.br/artigo/7-mitos-sobre-meditacao-por-deepak-chopra>. Acesso em: 18 mar. 2023.

⁴ GRANDE LOJA DE SANTA CATARINA. **3ª Instrução e Complementos:** Aprendiz-Maçom. Florianópolis: Grande Loja de Santa Catarina, 2010.

⁵ ORLANDI, E. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas: Edunicamp, 1992.

⁶ BETTEGA, J. **A espiritualidade nas organizações:** uma dimensão humana vital ao trabalho. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. v. 1, 128 p.

⁷ GOETHE, J. W. V. Pensador, cientista, poeta, romancista e teatrólogo alemão (Frankfurt am Main, Alemanha, 1749 – Weimar, Alemanha, 1832).

⁸ MORGADO, G. F. **Maçonaria:** estrutura do rito escocês antigo e aceito. Florianópolis: [s. n.], 2022.

⁹ SANTOS, A.; HERMANN, I. L. **Planejamento estratégico da A.R.L.S Alferes Tiradentes nº 20.** Florianópolis: [s. n.], 2014.

¹⁰ ARTIGO 19. **Relatório Global de Expressão 2019/2020:** o estágio da liberdade de expressão ao redor do mundo. [S. l.]: Artigo 19, 2020. Disponível em: https://artigo19.org/wp-content/blogs.dir/24/files/2020/10/SumarioExecutivoGxR_PT.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

¹¹ GOETHE, J. W. V. Pensador, cientista, poeta, romancista e teatrólogo alemão (Frankfurt am Main, Alemanha, 1749 – Weimar, Alemanha, 1832).

¹² GOETHE, J. W. V. Pensador, cientista, poeta, romancista e teatrólogo alemão (Frankfurt am Main, Alemanha, 1749 – Weimar, Alemanha, 1832).

¹³ BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

¹⁴ ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

¹⁵ ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

¹⁶ DEWEY, J. **Como pensamos:** como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo – uma reexposição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

¹⁷ KANT, I. **Sobre a pedagogia.** Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

¹⁸ KANT, I. **A religião dentro dos limites da simples razão.** Tradução de Tania Maria Bernkopf e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).

¹⁹ ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

²⁰ ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

²¹ ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil (1930/1973).** Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

²² BORGES, J. C. **Arranjo de desenvolvimento da educação:** competências empreendedoras requeridas. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

²³ BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

²⁴ GOETHE, J. W. V. Pensador, cientista, poeta, romancista e teatrólogo alemão (Frankfurt am Main, Alemanha, 1749 – Weimar, Alemanha, 1832).

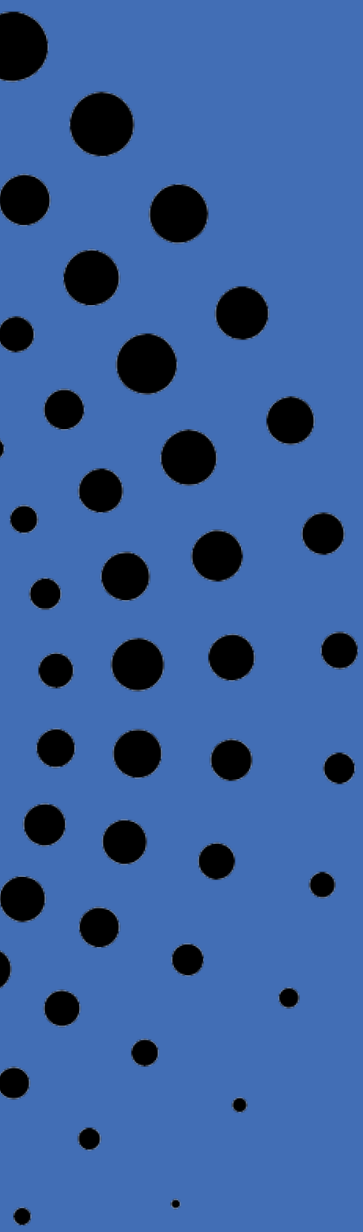


editorapandion.com

facebook.com/editorapandion

instagram.com/editora_pandion

48. 99982 5258



Maçonaridade significa a qualidade de ser maçom e fazer maçonaria, simples ou complexo assim. Nessa terminologia, criada por este autor, o sufixo “dade” significa a “qualidade de”. Portanto, a questão que norteará este livro na sua plenitude é: o que poderia compor essa teia complexa denominada “maçonaridade”, a ponto de conferirmos qualidade ao autoaperfeiçoamento para sermos maçons e fazermos a maçonaria, que precisa ser colaborativamente construída?

Creio que parte das respostas a essa pergunta possa estar nas trilhas reflexivas adotadas neste livro. Nesse caminhar, eu vos convido a realizar cada uma delas comigo, para que possamos colaborativamente qualificar a nossa essência maçônica, de maneira que o nosso “eu maçom” e o nosso “eu maçonaria” possam encontrar simetria e sinapses investidas de coerência e convergência com o nosso propósito maior, que é o de tornar feliz a humanidade.